Contos

Africanos

Assim Vivem os Homens
Volume II

MAE
Museu de Arqueologia e Etnologia
UFPR

Editora UFPR

Reitor
Zaki Akel Sobrinho

Vice-Reitor
Rogério Andrade Mulinari

Pró-Reitora de Extensão e Cultura
Deise Cristina de Lima Picanço

Diretora do MAE-UFPR
Márcia Cristina Rosato

Diretor da Editora UFPR
Gilberto de Castro

Conselho Editorial
Andre de Macedo Duarte
Anna Beatriz da Silveira Paula
Cristina Gonçalves de Mendonça
Edison Luiz Almeida Tizzot
Elsi do Rocio Cardoso Alano
Everton Passos
Ida Chapaval Pimentel
Lauro Brito de Almeida
Marcia Santos de Menezes
Maria Auxiliadora M. dos Santos Schmidt
Maria Cristina Borba Braga
Naotake Fukushima
Sergio Luiz Meister Berleze
Sergio Said Staut Junior

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SISTEMA DE BIBLIOTECAS – BIBLIOTECA CENTRAL
COORDENAÇÃO DE PROCESSOS TÉCNICOS

Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade Federal do Paraná.
Contos africanos / Museu de Arqueologia e Etnologia/UFPR;
[Organização dos textos Andréia Baia Prestes; assessoria sobre temática africanista Marcos Silva da Silveira; ilustrações Caroline Dal'Maso Bogo... et al.]. – 1.ed. – Curitiba : Ed. UFPR, 2013.
59p. : il. color. – (Assim vivem os homens; v.2)

ISBN 9788565888592
Inclui referências

1. Contos africanos. I. Prestes, Andréia Baia. II. Silveira, Marcos Silva da. III. Bogo, Caroline Dal'Maso. IV. Título. V. Série.

CDD 896

Andrea Carolina Grohs CRB 9/1384

Ref. 723

Direitos desta edição reservados à

Direitos desta edição reservados à

Editora UFPR

Rua João Negrão, 280, 2.º andar - Centro
Caixa Postal 17309
Tel.: (41) 3360-7489 / Fax: (41) 3360-7486
80010-200 - Curitiba - Paraná - Brasil
www.editora.ufpr.br
editora@ufpr.br
2013

Esta obra foi integralmente produzida pelo:

MAE Museu de Arqueologia e Etnologia UFPR

Diretora
Márcia Cristina Rosato

Organização dos Textos
Andréia Baia Prestes

Assessoria sobre temática africanista
Marcos Silva da Silveira (NEAB/UFPR)

Ilustrações
Caroline Dal'Maso Bogo
Erica Storer de Araujo
Daniel Freire da Silva
Matheus Henrique Alves Manhães
Ana Paula Moraes da Silva
Glória Maria Dutra Wolff
Patrícia Cinthya Espíndula Plaster

Diagramação
Ueliton Castro Pires
Larissa Americo

Revisão Ortográfica
Bruna Marina Portela
Andréia Baia Prestes

Equipe MAE
Ana Luisa Nascimento, Andréia Baia Prestes, Ângela Simões, Bárbara Furquim, Bruna Portela, Dorila Rosane Rodrigues, Douglas Fróis, Elizabeth Scomassão, Fábio Marcolino, Geraldine Marie Vieira, João Kalluf, Laércio Brochier, Laura Pérez Gil, Luiz Carlos Alves, Luiz Cezar Rodrigues, Márcia Rosato, Regiane Pelaquini, Sady Carmo Junior, Yara Tavares

Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade Federal do Paraná

ASSIM VIVEM OS HOMENS

VOL. 2

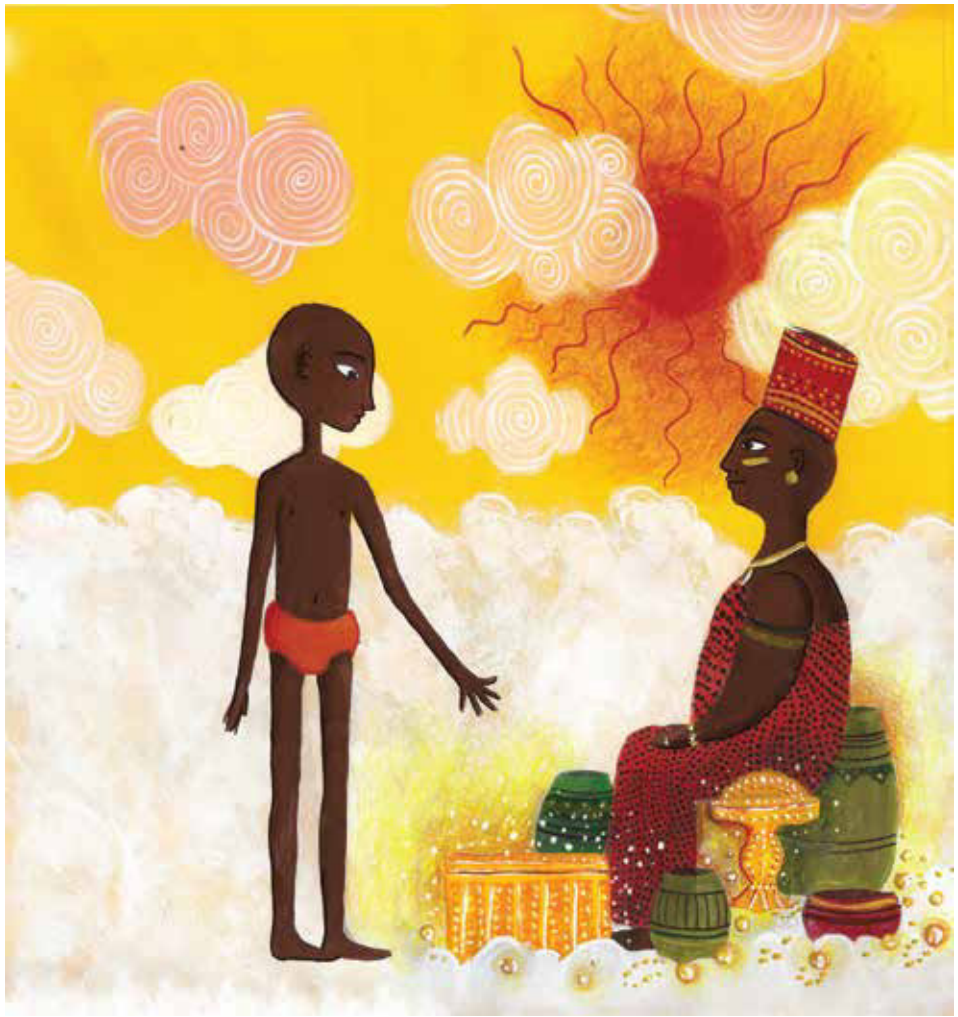
CONTOS AFRICANOS

1ª Edição
Curitiba - Paraná - Brasil
Editora UFPR
2013

A HISTÓRIA DAS HISTÓRIAS

Ashanti – Gana, África Ocidental

Ninguém aqui está querendo dizer que o que eu vou contar agora aconteceu de verdade. Uma história é uma história. Vamos apenas deixa-la ir e vir.



Há muito tempo atrás, as pessoas não tinham nenhuma história. À noite, as crianças sentavam-se em torno das fogueiras, chegavam para os velhos e pediam:

- Conta-nos uma história!

Mas eles não podiam contar.

- As histórias – diziam – pertencem todas a Nyame, o *Deus do Céu*[1], e ele as guarda no seu baú de ouro, ao lado do seu trono dourado.

Um dia, *Ananse*[2] , o tecelão da aldeia, decidiu que iria subir até o céu para negociar as histórias. Então ele levantou cedo – ele que não costumava levantar cedo – e começou a preparar a sua teia: a primeira ponta ele prendeu num fio de grama, a segunda ponta prendeu nas copas das árvores, a próxima ele prendeu numa nuvem, a próxima prendeu na lua, a próxima prendeu

numa estrela, e a última prendeu nos portões dourados do Deus do Céu. Subiu.

Quando chegou, o Deus do Céu, sentado no seu *banco dourado*[3] , gordo e risonho, perguntou:

- O que você deseja, Ananse, pequena aranha? Por que você fez uma viagem tão longa da terra até o meu palácio?

E Ananse disse:

- Eu desejo comprar as suas histórias.

O Deus do céu deu uma gostosa gargalhada e disse:

- As minhas histórias são muito caras! Ninguém jamais pode pagar o preço por elas. Eu as guardo no meu baú dourado, ao lado do meu trono de ouro, e nem os meus ministros se aproximam delas. O que você tem, pequena aranha, para me oferecer em troca das minhas histórias?

Mas Ananse disse:

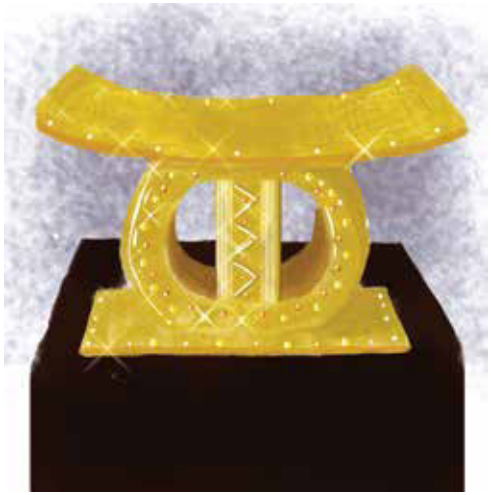
- Faça o seu preço.

O Deus do Céu coçou o queixo e respondeu:

- O preço pelas minhas histórias são quatro coisas: eu quero que você me traga os Marimbondos que picam como fogo, o Leopardo dos dentes terríveis, a Fada que nenhum homem jamais viu e a Grande Serpente.

Ananse fez uma reverência e voltou. Quando chegou à aldeia, todos estavam muito curiosos e queriam saber o que é que o Deus do Céu havia dito. Ananse contou e todos ficaram desolados. O preço que o Deus do céu cobrava era impossível de se pagar! Mas Ananse não se preocupou. Foi para casa e conversou longamente com Aso, a sua esposa e, à noite, Aso teve uma ideia.

No dia seguinte, os dois saíram para a mata. Ananse levava com ele uma grande folha de palmeira. Entraram na mata, estenderam a folha, e os dois começaram a conversar, ele e a sua esposa, como se estivessem discutindo:



1. Na Mitologia Ashanti, Nymae ou Nyankopom é o principal deus de seu panteão. É casado com Asase Yaa, a Deusa da Terra e da Fertilidade, e tem dois filhos, Bia e Tano. Desde que parte da população adotou o cristianismo, Nymae corresponde ao Deus Judaico-Cristão.

2. Kwaku- Anase é uma figura presente em histórias de diferentes regiões da África, em histórias que abord am a esperteza desta personagem, que através de artimanhas tenta conseguir o que pretende.

3. Acredita-se que o Banco de Ouro dos Ashanti (vide Introdução) é semelhante em forma àquele que está assentado Nymae.

- É maior! – dizia Aso. Não, é maior! – dizia Ananse. É claro que não, é muito maior! – dizia Aso. Não, é maior! – dizia Ananse.

Nisso, Niasi, a Grande Serpente, veio deslizando, aproximou-se dos dois e perguntou:

- O que é maior?

Ananse respondeu:

- Eu encontrei essa folha de palmeira muito grande e minha esposa acredita que essa folha é maior do que você, mas eu digo que não, você é maior do que a folha! É claro que você é maior!

- Não, é maior!

- Não, é maior!

Continuaram os dois a discutir. A serpente, vaidosa, e também com curiosidade, disse:

- É muito fácil perceber quem é maior! – e se estendeu sobre todo o comprimento da folha.

Quando fez isso, Ananse pegou cipós, amarrou a serpente toda envolvida na folha e disse:

- Agora Niasi, você está pronta para se encontrar com o Deus do Céu.

Levaram a serpente e penduraram no galho de uma árvore próxima da casa de Ananse. Todos na aldeia ficaram muito surpresos, mas esse era apenas o primeiro dos preços, faltavam os outros três... como ele iria fazer? Ananse não se preocupou. Foi para casa e ele e sua esposa conversaram bastante a noite toda,

até que criaram um plano. No dia seguinte, Ananse saiu e disse:

- Eu vou hoje capturar Osebo, o Leopardo dos Dentes Terríveis!

- Mas como? – disseram – nem o maior dos caçadores consegue sequer se aproximar desse animal! Quem irá conseguir pegá-lo?

Mas Ananse disse:

- Eu tenho um plano!

Ele foi para a mata e levou consigo algumas voltas de cipó pendurado no ombro. Caminhou, caminhou, procurando pelo leopardo. Até que, de repente, ele encontrou. Ou melhor, ele foi encontrado! Porque Osebo pulou na frente de Ananse, abrindo sua boca terrível, mostrando aqueles dentes muito brancos, dizendo:

- Agora velho, chegou a hora de você morrer!

Ananse apenas disse:

- O que tiver de ser, será... Mas seria uma pena se você me devorasse justo hoje, porque eu acabo de criar um jogo novo, e ainda não tive tempo de ensinar a ninguém...

- Que jogo é esse? – Quis saber Osebo.

- É o desafio do nó mais forte.

- E como se joga?

- Com cipós! Funciona assim: você me estende os braços, e eu amarro. Você se solta. Se você conseguir se soltar, é a sua vez. Quem não conseguir soltar-se, perdeu.

- Muito bem! Quero jogar!

A ideia do Osebo era que qualquer nó que Ananse fizesse, ele, que era muito forte, poderia arrebentar facilmente e, quando ele fosse amarrar as mãos de Ananse, seria ainda mais fácil para devorá-lo. Então, Osebo estendeu as patas para Ananse e disse:

- Pode começar!

Ananse amarrou as patas de Osebo usando o cipó com um nó bem simples, mas antes que o leopardo pudesse fazer força para se soltar, Ananse jogou a outra ponta do cipó por cima do galho de uma árvore e puxou! Osebo ficou com os braços presos para cima e não conseguia fazer força para soltar-se. Ananse, então, usando o mesmo cipó, amarrou todo o animal e disse:

- Agora Osebo, você está pronto para se encontrar com o Deus do Céu.

Na aldeia, todos ficaram surpresos, pois ninguém jamais havia conseguido sequer aproximar-se daquele animal e sobreviver. Mas ainda faltavam os outros dois desafios. Os mais difíceis! Quem é que iria conseguir se aproximar dos marimbondos que picam como fogo? Mas Ananse não se preocupou. Foi para casa, conversou bastante com sua esposa, e criou um plano.

No dia seguinte, ele foi de novo para a mata. Desta vez, levando uma cabaça cheia d'água e uma folha de palmeira. E disse:

- Eu vou encontrar Mboro, o enxame dos marimbondos que picam como fogo.

E foi. Caminhou, caminhou, caminhou, até que percebeu um som: BZZZZZZZZZZZZZZZZZZZZZZZZZZZZZZZZZZZ. Eram os marimbondos! Ele foi se aproximando devagar, até que viu o enxame voando. Então, ele cobriu-se com a folha da palmeira, e começou a jogar água em cima dos marimbondos, dizendo:

- Está chovendo! Está chovendo! Corram para a sua casa, antes que suas asas se molhem!

Os marimbondos acreditaram e voaram todos. Ananse, correndo atrás, jogando água e segurando a folha, como se estivesse se protegendo da chuva. E assim foi que Ananse descobriu onde ficava a casa secreta dos marimbondos. Quando eles entraram todos, ele começou a jogar a água dentro da casa deles, e dizia:

- É uma inundação! É uma inundação! Toda a floresta está embaixo d'água!

Os marimbondos preocupados diziam:

- Nunca choveu tanto a ponto de entrar água na nossa casa! Agora aonde iremos nos abrigar?

Ananse, então, esvaziou o que restava da água de sua cabaça e disse:

- Eu tenho aqui um lugar seco para vocês!

Os marimbondos entraram todos na cabaça e Ananse, usando a mesma folha da palmeira, tampou a entrada e disse:

- Agora Mboro, vocês estão prontos para se encontrar com o Deus do Céu.

Voltou para a aldeia e prendeu a cabaça no mesmo galho da mesma árvore onde já estavam a Serpente e o Leopardo. Todos na aldeia ficaram muito surpresos, mas ainda faltava o pior dos desafios! Quem conseguiria capturar a Fada que nenhum homem jamais viu? Ananse não se preocupou. Voltou para casa, e conversando com Aso, criou um plano.

No dia seguinte ele saiu. Desta vez levou consigo uma boneca coberta com a cola da seringueira.

---

4. Nessa região da África é corrente a ideia de que a fadas se alimentam exclusivamente de comida sem sal.

5. O nome Flamboyant, (delonix régia), de origem francesa, reporta-se às flores vermelho-vivas da árvore, que, avistadas ao longe, faziam crer aos observadores que havia um incêndio na mata. Nessa região da África acredita-se que as fadas gostam de dançar deibaixo dos Flamboyants ao entardecer.

Levou um prato com mingau de inhame, sem sal – porque todo mundo sabe que as fadas não comem comida com sal[4] – e foi para a mata. Caminhou, procurando, até que encontrou um Flamboyant – porque todo mundo sabe que à noite as fadas gostam de dançar embaixo dos flamboyants! Ele colocou então no pé do flamboyant a tigela com o mingau e a boneca sentada na frente dele. Teceu então uma das suas teias. Prendeu uma ponta na nuca da boneca, a outra ponta, Ananse segurava na sua mão, e ele mesmo ficou escondido atrás de um arbusto. E esperou... e esperou... esperou até que o sol começou a baixar. Naquele lusco-fusco, nem dia, nem noite, que, como todo mundo sabe, é a hora em que as fadas vêm dançar embaixo do Flamboyant[5].

Quando Ananse estava quase adormecendo, ele viu Moatia, a fada que nenhum homem jamais havia visto. (Porque é só quando a gente está quase adormecendo que consegue enxergar as fadas!) E ela veio dançando, dançando, dançando... e viu a boneca com o prato de mingau. Ela se aproximou curiosa, olhou e disse:

- Bebê de borracha, esse seu mingau

parece tão gostoso, eu posso provar um pouquinho?

Ananse, escondido atrás da moita, deu uma puxadinha na teia, e a boneca balançou a cabeça como se fizesse que sim. A fada se serviu, e gostou tanto do mingau que disse:

- Bebê de borracha, posso comer mais um pouquinho?

Ananse novamente puxou a teia e a boneca novamente fez que sim. E novamente a fada comeu, e comeu, e comeu todo o mingau.

Quando terminou, até um pouco envergonhada, a fada disse:

- Obrigada por me deixar comer o seu mingau.

Mas Ananse, atrás da moita, não puxou a teia, e a boneca ficou parada.

- Bebê de borracha, eu estou falando com você!

Mas a boneca continuava imóvel

- Bebê de borracha, sabia que você está sendo muito malcriada?!

Desta vez, Ananse puxa a teia, e a

boneca faz que sim com a cabeça. Então a fada ficou irritada:

- Bebê de borracha, você quer que eu lhe dê um tapa para que você aprenda a ser educada?

Ananse puxa a teia e a boneca faz que sim com a cabeça. Aquilo era demais! A fada deu um tapa na bochecha da boneca e a sua mão se colou na cola da seringueira, deixando a fada ainda mais irritada:

- Bebê de borracha, se você não soltar a minha mão, eu lhe dou outro tapa!

E a fada deu outro tapa e sua outra mão também ficou presa. A fada, desesperada, tentou se soltar com os pés; tentou se soltar de todo jeito, e a boneca se desmanchou inteira, já nem se reconhecia, era só aquela bola de cola, na qual a fada ficou toda colada. Ananse então se aproximou e usando a mesma teia, prendeu a fada e disse:

- Agora Moatia, você está pronta para se encontrar com o Deus do Céu.

E ele voltou para a aldeia. No dia seguinte, começou a fazer a sua teia: a primeira ponta, ele prendeu num fio de grama, a segunda ponta, prendeu nas copas das árvores, a próxima ele prendeu numa nuvem, a próxima prendeu na lua, a próxima numa estrela, e a última prendeu nos portões dourados do Deus do Céu. E subiu, puxando Moatia, a Fada que Nenhum Homem Jamais Viu, Mboro, os Marimbondos que Picam como Fogo, Osebo, o Leopardo dos Dentes Terríveis, e Niasi, a Grande Serpente. E apresentou todos os prêmios para Nyame, o Deus do Céu, que, sentado no seu trono dourado, apenas olhava e sorria. Então, ele chamou todos os seus Ministros e disse:

- Vejam! Os mais fortes, os mais ricos, os mais poderosos não pagaram o preço pelas minhas histórias, mas Ananse, a Pequena Aranha, acreditou que poderia, e fez. Agora, eu quero que todos vocês cantem em homenagem a Ananse!

E todos os Ministros do Deus do Céu fizeram uma batucada.

Então, o Deus do Céu entregou o baú dourado para Ananse e disse:

- O baú todo lhe pertence. Todas as histórias são suas. Daqui para sempre, elas serão conhecidas como “As histórias da Aranha”!

Ananse desceu levando o baú. Quando chegou à aldeia, abriu, e tirou uma história. E contou para alguém. Depois tirou outra história, e contou também. Mas a medida que ele contava as histórias, e dava as histórias, elas continuavam com ele, e iam com o outro também. Porque as histórias são assim: quando eu entrego uma história para alguém, essa pessoa tem uma história, mas ela continua sendo minha também!

E foi assim que as histórias da Aranha, as histórias de Kwaku Ananse, se espalharam por toda a África, e cruzaram os oceanos,

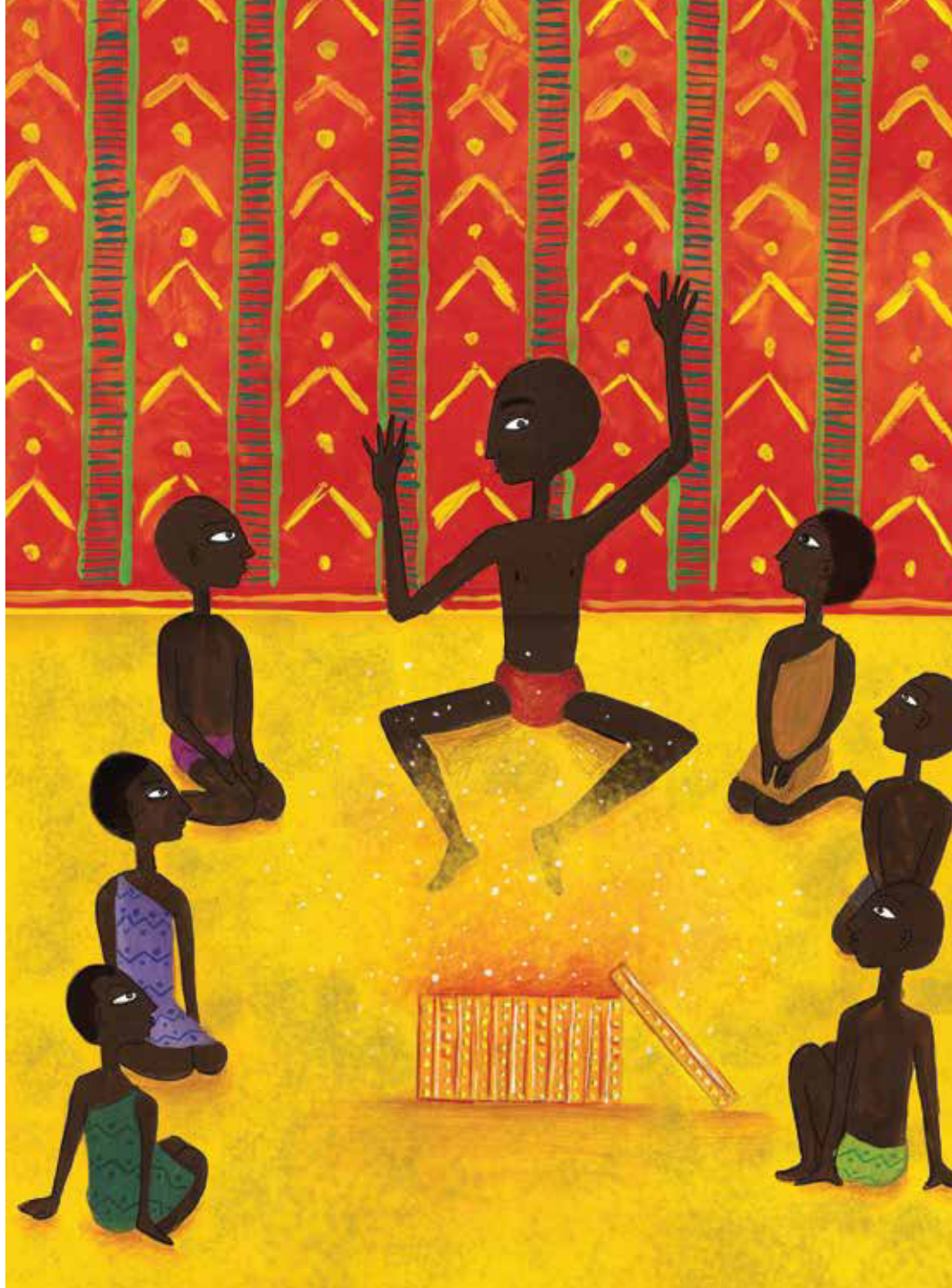
e chegaram à Europa,

chegaram à Ásia,

chegaram às Américas,

chegaram ao Brasil,

chegaram aqui, e agora chegaram até você!



Os Ashanti

Os Ashanti são um importante grupo étnico de Gana, na África Ocidental. Trata-se, em realidade, de um antigo Império instituído pelo povo Akan por volta do século XIII, e que se estendia desde a Gana Central até o Togo. Trata-se de um povo de forte tradição militarista, historicamente conhecido pela bravura de seus combatentes. Fruto desse ethos guerreiro, o aperto de mão entre os Ashanti é dado com a mão esquerda, e não com a direita: quando armados, os guerreiros seguram a lança com a mão direita e o escudo com a esquerda, portanto, para cumprimentar alguém, é preciso depor o escudo, ficando-se desprotegido. Assim, o aperto de mão dos Ashanti é sinal de grande confiança.

Os Ashanti são um dos poucos grupos matrilineares da África. Eles acreditam que as crianças herdam o espírito do pai, mas da mãe recebem a carne e o sangue e, assim, a descendência segue pela linha materna. A sociedade Ashanti é regida por clãs e, tradicionalmente, a extensa família vive junta e em casas próximas, que são construídas em torno de um pátio onde se desenrola a vida em comum.

O mais importante tesouro Ashanti é o Banco de Ouro, vindo do céu. Conta-se que o Banco teria descido do céu no Século XVII e pousado sobre o colo do Rei Osei Tutu I, por invocação do sacerdote Okomfo Anokye. Nesta ocasião, ocorria uma reunião de todos os chefes de clãs Ashanti, para decidir a sua independência de Denkyra. Assim, e Osei Tutu I foi declarado Asantehene, o rei de toda a nação, que sairia vitoriosa da guerra contra Denkyra, conquistando definitivamente sua independência. O Banco de Ouro é um símbolo da nação Ashanti, que contém o sumsum, a alma do povo, e é o símbolo de sua unidade. Esse objeto é mantido com todo o rigor e segurança, e só é mostrado ao público em ocasiões especiais, nas quais jamais pode entrar em contato com a terra, devendo sempre ser apoiado sobre a pele de um animal, como o leopardo, ou colocado sobre um trono. Ninguém jamais teria se sentado sobre o banco, o que seria considerado um sacrilégio. Apenas o rei, sacerdotes e alguns poucos conselheiros de confiança sabem onde está guardado.

O VENTO, A HIENA E A TARTARUGA

Senufo, Costa do Marfim

Trabalhar a terra até morrer, é para isso que a gente vive, sim: ***bi fala bi ku koro wele gnini na.***

Todas as criaturas do campo tinham cultivado um mesmo terreno enorme, com seu senhor, o leão. Fô, a serpente, tinha cultivado; o grande calau tinha cultivado; a galinha-d'angola tinha cultivado; a tartaruga, que sabe falar com os gênios das águas, tinha cultivado; o pequeno crocodilo e a gazela também tinham cultivado. Até a hiena tinha cultivado um pouco. Quando o milhete[1] amadureceu no campo, todos foram juntos colher. Mas, que azar, não soprava um só ventinho! E sem vento, como bater e peneirar o milhete?

Ninguém vai guardar na tulha[2] um milhete que não foi batido nem peneirado!

As criaturas do campo que haviam cultivado aquela roça pegaram um boi bem grande e o amarraram firmemente ao tronco de um baobá[3]. O leão fez o anúncio:

- Quem for capaz de ir até Kutielo[4], nossa velha mãe, deusa do céu, que separou as águas da terra, para lhe pedir que nos mande o vento, poderá comer o boi!

Os bichos do campo responderam a uma só voz:

1. Cereal cultivado na África por seus grãos (parecidos com os do milho mas bem miúdos), utilizados na alimentação.

2. Depósito onde se guardam as colheitas, construção de pilares finos, cilíndrica, de barro ou caules vegetais trançados, com teto de palha.

3. Grande árvore das savanas, com tronco larguíssimo.

4. Para os Senufos (Costa do Marfim) é a deusa criadora de tudo, o ente supremo.

- A lebre é a mais esperta de todos. Ela que vá buscar o vento!

- Eu vou – prontificou-se a lebre, pondo-se imediatamente a caminho.

Quando chegou lá onde estava Kutielo, disse "foo yehena[5] , Kutielo", pois era de manhã.

- Queria que você me desse o vento – pediu. Na aldeia, estamos à espera dele para bater o milhete e peneirá-lo.

- Lebre, eu te dou o vento, com prazer, mas por acaso você é mais veloz que o vento?

- Claro que sou! Sou uma lebre, sou mais veloz que o vento.

Kutielo deu o vento à lebre, mas avisou:

- Abra caminho para o vento. Ele vai correr atrás de você. Se ele te alcançar, em vez de passar na sua frente, vai voltar para cá.

A lebre entendeu e pediu uma vantagem: sair um pouco antes que o vento. Kutielo concordou. A lebre disparou pelo caminho. Suas patas até pareciam querer ultrapassar as orelhas compridas. Pouco depois, o vento começou a soprar: flá, flá, flá... E a lebre, surpresa, logo o sentiu nos seus calcanhares. Bem no instante em que ia ultrapassar a lebre, o vento deu meia-volta e retornou para lá de onde tinha vindo.

Voltando para junto dos bichos, a lebre teve de confessar.

- Corri o mais rápido que pude, mas não consegui trazer o vento.

Os animais se perguntavam quem seria mais veloz do que o vento, quando a hiena, tão voraz quanto estúpida, disse em voz bem alta:

- Eu vou buscara o vento e aquele boi ali amarrado vai ser meu.

Partiu e chegou onde estava Kutielo. Disse "foo tchangana[6] , Kutielo", porque era pouco mais de meio-dia.

- Você tem de me dar o vento – disse. Estamos à espera dele para bater o milhete e peneirá-lo.

- Hiena, eu te dou o vento com prazer, mas por acaso você é mais veloz do que ele?

- Sim, sou mais veloz, porque essa é a minha vontade.

---

5. Bom dia!

6. Cumprimento dado entre as 10 da manhã e as 4 da tarde.

Kutielo lhe deu o vento, mas avisou:

- Abra caminho para o vento. Ele vai correr atrás de você. Se te alcançar, em vez de passar na sua frente, vai voltar para cá. Saia antes, ele só vai partir daqui a pouco.

Sem dizer nada, a hiena começou a correr. Corria tão depressa que até parecia que suas patas traseiras queriam ficar tão grandes quanto as dianteiras.

Pouco depois o vento começou a soprar: flá, flá, flá... E a hiena logo sentiu o sopro em seus calcanhares. Bem no instante em que ia ultrapassá-la, o vento deu meia-volta e retornou para lá de onde tinha vindo.

Depois da lebre e da hiena, todas as criaturas do campo tentaram trazer o vento, mas ninguém conseguiu. Ninguém pôde chegar antes dele.

O milhete continuava ali, no terreiro, esperando para ser batido, e os bichos estavam todos muito tristes. Foi então que a tartaruga, em quem ninguém havia pensado, falou:

- Vou falar com Kutielo. Vou tentar trazer o vento!

E foi. Lá chegando, dirigiu à deusa o cumprimento da noite: "tchangohona[7] , Kutielo". Pediu-lhe o vento.

- Tartaruga, todos os bichos dos campos tentaram e não conseguiram. Você acha que pode fazer melhor que eles, logo você que é tão medrosa? Você acha que é mais veloz que o vento?

- Kutielo, é você que decide tudo, é você que escolhe quem deve ser vitorioso. Quero tentar. Preciso tentar. Lá, sem o vento, faz calor demais e o milhete está largado na frente das tulhas.

A tartaruga, assim como os outros, teve o direito de sair um pouco antes, bem mais que os outros até, porque ela era apenas uma pobre tartaruga. Mais tarde o vento começou a soprar:

flá, flá, flá... O vento corria o mais depressa que podia, mas a tartaruga estava muito à frente dele. Certo da vitória, o vento tinha dado vantagem demais à tartaruga. Quando ela chegou junto das criaturas do campo, o vento mal roçava sua carapaça, apesar de vir agitando os galhos das árvores, para andar mais rápido.

Os bichos, vendo aquilo, exclamaram:

- A tartaruga voltou com o vento! A tartaruga nos trouxe o vento!

A tartaruga tinha conseguido. A hiena foi logo lhe propondo:

- O boi agora é seu. Vou matá-lo e até cortá-lo em pedaços, se você quiser.

- Não. Nós tartarugas somos capazes de matá-lo sozinhas.

Sem dizer mais nada, a tartaruga subiu no baobá. O boi, ainda amarrado no tronco, não se mexia. A hiena observava, e os olhos atentos de cada tartaruga do clã também observavam, enquanto os outros animais batiam e peneiravam o milhete. Para matar o boi, a tartaruga despencou do galho da mais alta da

---

7. "Boa noite" usado no fim da tarde, entre as quatro e as seis e meia.

árvore bem em cima dele. Mas só quicou no boi e caiu no chão. Tornou a subir no baobá e a pular assim várias vezes para matar o boi, mas nem sequer arranhou o animal. As outras tartarugas a imitaram, mas também não conseguiram nada. A hiena disse bem alto:

- Deixem comigo!

Sem esperar licença, arreganhou os dentes e saltou no pescoço do boi, matando-o na hora! A hiena esfolou e cortou o boi em pedaços, diante das tartarugas. Feito isso, foi buscar a sua mulher (pois era uma hiena macho):

- Venha rápido, mulher, vamos ter uma boa carne de boi para comer.

- Que carne? Que boi?

- Venha rápido, estou dizendo, mas antes vista um bonito pagne[8], para que ninguém te reconheça. Você sabe que, quando um estrangeiro chega, oferecem sempre o melhor pedaço a ele.

A mulher da hiena vestiu um belo conjunto-pagne[9] e assim apareceu, toda faceira, diante das tartarugas.

- Como esta forasteira é bonita – exclamaram as tartarugas.

Como manda a tradição, ofereceram a ela o melhor pedaço do boi.

A mulher da hiena agradeceu e foi embora. Quando chegou em casa, guardou o pedaço da carne e trocou depressa de roupa, pondo dessa vez um lindo vestido de Waraignenê[10]. Assim,

---

8. Tecido de algodão de fabricação artesanal, que dá nome a uma roupa feminina tradicional, que as mulheres usam enroladа como uma canga, indo do umbigo às canelas.

9. Conjunto feminino composto de três peças do mesmo tecido: uma bata longa, uma saia comprida e um lenço de cabeça.

10. Vilarejo ao norte da Costa do Marfim, célebre por seus tecidos.

- Como esta forasteira é bonita – exclamaram as tartarugas quando ela se aproximou. E é claro que, por educação e conforme o costume, ofereceram-lhe outro bom pedaço.

A mulher hiena repetiu suas artimanhas mais de dez vezes... Conseguiu assim os melhores pedaços e mais outros. Quando parou suas idas e vindas, só as tripas e o fígado do boi tinham sobrado para as tartarugas.

A hiena, bicho safado, tinha assistido à encenação da sua mulher, saboreando antecipadamente cada novo pedaço que davam a ela. Quando viu que sobravam apenas as tripas e o fígado disse:

- Não precisam me dar nada em agradecimento por ter matado o boi; podem ficar com tudo para vocês.

As tartarugas não disseram nada. Assaram o fígado na frente da hiena, que esperou um pouco ali. A mais velha das tartarugas começou a comer e, quase no mesmo instante, rolou no chão, de patas abertas para o ar. Seus olhos arregalados reviraram-se e ela parou de respirar.

Suas irmãzinhas tartarugas debruçaram-se sobre ela e exclamaram:

- Ela morreu, ela morreu! Ela comeu carne de

boi e morreu!

A hiena não quis saber de mais nada, disparou para casa e foi logo gritando para a mulher:

- Depressa, mulher, vista uma camisola, um lenço, pegue toda a carne e leve-a de volta. Diga que não quer e que ninguém em casa quer! A tartaruga comeu um pedaço e morreu na hora. Esta carne não presta, um espírito botou mau-olhado nela!

As tartarugas receberam a carne de volta. Comeram-na... hum!... saborearam-na...hum! Inclusive a irmã mais velha, que tinha se fingido de morta.

Boa noite, foo pliguena[11]. Contei-lhes um conto, o conto acabou.

Fim.

PINGUILLY, Yves. Contos e Lendas da África; tradução de Eduardo Brandão. – São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

Senufo

Os senufo ocupam um território que compreende a Costa do Marfim, Mali e Burkina Fasso. Trata-se de um povo que concentra sua vida dentro dos limites de cada vilarejo, o qual é unido por casamentos intergrupais. Quando o casamento se dá com alguém de fora, a mulher casada continua a morar com sua família, e o marido vem visitá-la duas ou três noites por semana. Os filhos pertencem à linhagem materna.

O "mestre da terra" é um sacerdote, chamado a servir de intermediário entre o mundo visível e o invisível: a terra é divindade, não objeto de posse.

Máscaras e esculturas invadem os vilarejos durante as festividades da comunidade, tais como os ritos iniciáticos, funerais, término de luto, festas agrárias, etc. As máscaras são um dos elementos de destaque da cultura material senufo, pela técnica apurada com que são produzidas e também por sua exuberância.

BUTI DE DIJIBUTI

Somali, Dijibuti

Sheekoy sheeko
Sheeka xariir
Eis uma história, eis uma história
Uma história delicada como a seda
Awwal awwaalaay
Antigamente, há muito e muito tempo...

O dia mal raiava, um dia entre outros dias.

O sol voltava de sua última viagem ao outro lado da terra. Estava tão cansado quanto um urubu velho que houvesse vigiado as montanhas de *Arta* por toda uma sexta-feira.

Pousou em sua aldeota de *Kalaf*. Antes de ir descansar em sua *tukul*[1], quebrou um ovo, girou-o em torno da cabeça e jogou-o à direita da porta[2] . Fez isso mais uma vez, só que jogou o ovo quebrado ao lado esquerdo. Depois dessa cerimônia, foi

para casa e se deitou para cochilar em sua cama por uma hora. Quando acordou, estava com a cabeça tão pesada quanto uma dessas pedras escuras cuspidas cem mil anos atrás pelos vulcões. A pequena Sabah lhe trouxe uma xícara de chá bem doce. Ele encostou a xícara na cabeça e antes de beber aspirou o delicioso aroma da cravo, cardamomo, canela e gengibre que dela emanava. Tomou o chá. Depois achou que já era hora de ir iluminar e aquecer o mundo mais uma vez, começando por Dijibuti, que fica no leste da África.

Esticou seus raios e quis tomar impulso para subir no céu. Mas, ou porque tinha descansado pouco, ou porque deveria ter comido um bom bolinho de farinha fermentada para lhe dar forças, o Sol constatou que estava menos elástico do que aqueles pães árabes, que a gente rasga para melhor comer um peixe com molho. Tomou uma decisão:

- Vou rolar um pouco no Lago Assal[3] . É disso que estou precisando. De um pouco de sal, da cabeça aos pés dos meus raios, para recobrar minha energia.

Foi ao lago e começou a se salgar. O tempo passou.

O Sol tinha tantos raios a salgar que resolveu ficar mais um pouco e, uma vez na vida, deixar de ir clarear Dijibuti e a terra inteira.

O dia todo, somente uma pálida luz esbranquiçada veio do lago Assal até Dijibuti iluminar um pouco as moças que os rapazes queriam olhar nos olhos.

Aproveitando a ausência do rei do céu, pesadas nuvens negras espalharam-se acima da cidade.

---

1. Moradia tradicional do povo somali. É um só cômodo em forma de meia-esfera, de fibra de tamareira.

2. O ato de quebrar ovos sobre a cabeça, para a maior parte das religiões africanas é um processo de purificação, para afastar qualquer coisa de ruim (maldição, feitiço, mau-agoro, etc) antes de entrar em casa.

3. Situado na cratera de um vulcão extinto, o lago Assal é o ponto de menor altitude da África. Tem uma área de 54Km², e é considerado o lado mais salgado do mundo. Beduínos e etíopes exploram economicamente o sal do lago, para onde também acorre um grande número de turistas, em busca das propriedades terapêuticas da água salobra.

4. Nome da jujuba, o fruto da jujubeira, no chifre da África. Originalmente as jujubas eram feitas com essa fruta.

5.Folha da jujubeira socada e reduzida a pó, com que as mulheres faziam máscaras de beleza e xampus.

6. Xale leve, vivamente colorido, com que as mulheres do chifre da África cobriam a cabeça e os ombros.

7. Incenso que, no chifre da África, é usado para perfumar as casas e em cerimônias religiosas.

8. Vestido leve, usado em Dijibuti e nos países vizinhos, sobre um saiote bordado.

9. Em Dijibuti, é a ogra de vários contos. Não há criança que não a conheça e que não morra de medo dela.

10. Folhas alucinógenas do arbusto de mesmo nome, nativo da Etiópia e do Iêmen, muito consumido em Dijibuti.

Vieram em bandos, tão ousadas quanto os infelizes que buscam uma nascente para matar a sede.

Certamente para aliviar seu peso e dançar melhor no céu, as nuvens puseram-se a chover nas ruas e nas praças. A chuva caiu mais bonita e mais leve que a fibra da tamareira. Mas que chuva! Não foi com água pura que as nuvens do céu molharam a cidade. Não. Naquele dia, choveu leite branco de camela sobre Dijibuti. Os vendedores de *hobob*[4], de *khasil*[5], de *malxamed*[6] e de *fox*[7] deveriam ter se abrigado, assim como os vendedores de *dirix*[8], que os ofereciam agitando-os ao vento. As crianças que brincavam na rua também deveriam ter se abrigado.

Mas não. Todos – homens, mulheres, crianças – ficaram no meio da rua, perplexos e felizes, com a boca bem aberta! Todos deixavam aquela chuva branca escorrer por seu corpo negro! Aquela chuva branca mais delicada que o leite de uma jovem mãe ao luar.

Enquanto a chuva branca caía, *Buti*[9], a ogra, estava no seu antro. Tinha acabado de mascar sua erva, sua droga – o *khat*[10]. Buti! Aquela que, desde que as pedras são pedras, o sal branco e o mar vermelho, devora as mulheres desobedientes e as crianças que não querem dormir à noite. Aquela que arranca

o coração dos cabritos e vai saboreá-los à sombra das grandes jujubeiras.

A malvada tinha mascado seu *khat* bem fresquinho e a droga a deixara completamente alterada. Seu espírito, em geral tão mau, tinha se transformado no de uma moça piedosa, que sabe que todas as palavras de todas as *suratas*[11] do Corão ensinam que o Alá existe e que ele é a Verdade.

Vendo as pessoas da cidade ficarem brancas, mais brancas que aqueles homens brancos de olhos azuis cujas orelhas rosadas não são capazes de ouvir as palavras que lhes dizem respeito, ela correu, protegida da chuva por um *salli*[12], para salvar quem ainda podia ser salvo. Na esquina da praça *Mahamud Harbi* avistou, na soleira da porta, *Abdek* e *Hanad*, dois irmãos que, sem sair de casa, olhavam o leite cair sobre a cidade, enquanto *Fardussa*, a mãe deles, cuidava dos afazeres domésticos. E de vez em quando ia dar uma olhada na rua, pelo *muxarabiê*[13].

Buti correu para eles. Ela, que tinha braços como qualquer outra mulher, pegou Abdek com o direito e Hanad com o esquerdo. Tomou cuidado para que nenhuma gota do leite branco do céu molhasse a pele negra dos meninos. Levou-os correndo para sua toca.

O tempo passou. A hora em que os rebanhos vão beber no poço chegara. O sol tinha quase acabado de se salgar. Por causa do efeito do khat, Buti continuava a ser uma moça boa e amável.

- Como se chama?

- Eu me chamo Abdek.

- E você?

- Eu me chamo Hanad.

- E eu me chamo Buti – ela murmurou.

- Escutem direitinho: o leite de camela que caiu sobre Dijibuti hoje é uma verdadeira maldição. Só há uma solução para que os homens recuperem sua verdadeira vida, seu verdadeiro corpo, sua verdadeira pele...

- Você sabe qual é a solução?

- Sim. Eu, Buti, sei sim.

Ela apertou os garotos meigamente contra si, como uma jovem mãe acalenta seus filhinhos. E disse baixinho:

- Vou lhes contar. Neste começo de noite, logo antes do nascimento dos sonhos, é só uma criança ou duas porem os homens e as mulheres para dormir com palavras delicadas como a seda, com palavras de amor delicadas como a seda...

---

11. *Nome dos capítulos do Alcorão, o livro sagrado dos muçulmanos.*

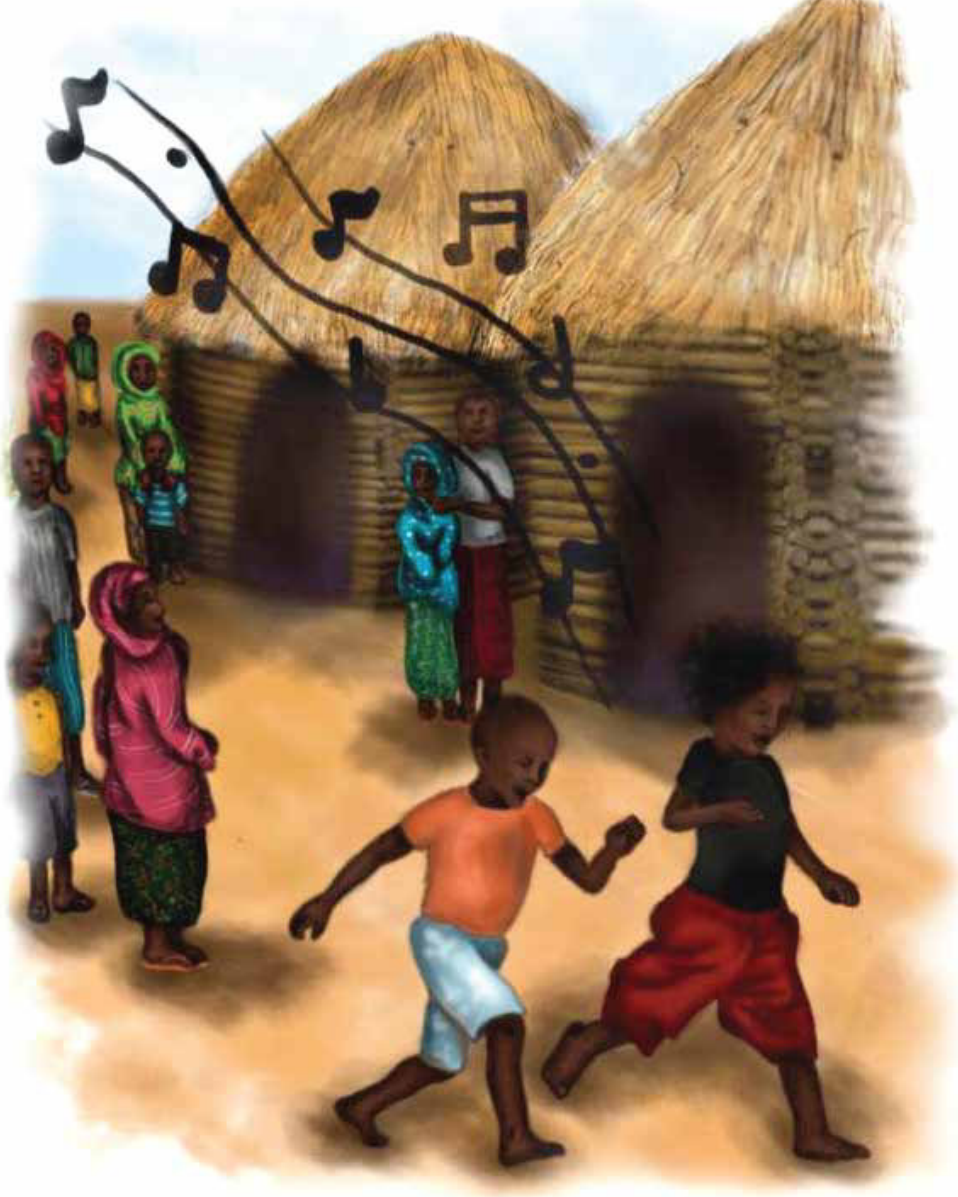
12. *Na África Oriental, esteira de fibra de palmeira que as pessoas usam para a prece ou para descansar em casa.*

13. *Sacada típica das casas Árabes, protegida de alto a baixo por uma grande madeira que permite a quem está atrás dela ver sem ser visto.*

Buti pôs-se a cantar:

Levantem o véu dos seus sonhos
pois todos vocês estão vivos
e se a noite for breve demais
amem-se até depois do sol nascer.
Suas bocas e suas mãos são muitas
juntos vocês são vencedores
juntos vocês não tem mais sombras
para ocultar seu coração
O homem e a mulher são uma ilha
no deserto ou no oceano
são uma ilha na cidade
uma ilha negra e vermelho-sangue

Pouco mais tarde, Abdek e Hanad percorreram as ruas da cidade, lançando aquele canto para as portas, as janelas, os *muxarabiês*...



Lançaram-no também para o céu, para os que dormiam ao longe em seu *tukul* ou em sua daboyta[14].

Buti tinha feito o bem, ela que sempre fazia o mal! O povo negro de Dijibuti voltou a ser belo, e recuperou seu orgulho negro.

Desde aquele dia, para continuar a ser como sempre foi, malvada e desalmada, a rainha das ogras que ela era e nunca deveria ter deixado de ser, Buti nunca mais colocou uma só folhinha de khat na boca.

De Dijibuti à ponta do Chifre da África, todos sabem que, ao cair a noite, ela está mais que nunca espiando no escuro, pronta para comer as crianças que demoram para dormir.

---

14. *Nome dado pelo povo Afar ao tukul (vide nota 1).*

PINGUILLY, Yves. Contos e Lendas da África; tradução de Eduardo Brandão. – São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

Dijibuti

Dijbuti é um pequeno país localizado na região do Chifre da África, noroeste africano. Trata-se de uma pequena, pacífica e bastante próspera república, o que faz contraste com alguns de seus vizinhos, como a Somália. A capital do país também tem o nome de Dijibouti, e este nome está ligado a uma lenda em torno de Buti, a Ogra, personagem do conto a seguir. Conta-se que, durantes muitos anos, a terrível Buti espalhava o terror por toda a região, sendo a responsável por todas as mortes, desgraças e fratricídios ocorridos nas redondezas. Um dia, um grupo nômade lutou e conseguiu matar uma ogra que, acredita-se, era precisamente a tinhosa Buti, assim, o local passou a ser chamado de *Dijibouti*, "a derrota de Buti".

Dijibouti é um país professante da fé islâmica, onde aportaram os primeiros seguidores do Islã da África, por volta do Século III. A população se divide entre os Issa e os Afars (ou Danakils). Ambos os grupos partilham a mesma língua, a fé islâmica e os hábitos das tribos nômades das quais são descendentes. Os Afars concentram-se no norte e no oeste do país e os Issa ao sul. As línguas oficiais do país são o árabe e o francês. O povo do Dijibouti, assim como os grupos étnicos que habitam a Somália e parte da Etiópia, Iêmen e Quênia são chamados de Somalis devido à sua origem comum.

A tradição cultural do país é, na maioria das vezes, transmitida oralmente, principalmente através da música. Usando sua linguagem nativa, essas pessoas podem cantar ou dançar falando de uma história. Muitos exemplos da influência árabe podem ser notados nos edifícios e nos trajes tradicionais utilizados por homens e mulheres.

O conto "Buti do Dijibuti" é uma história de notável identidade geográfica com seu país de origem. No mapa vemos Kalaf, a aldeota onde mora o sol, as montanhas de Arta e o Lago Assal. Esta identidade com o local se estende também ao modo de viver do povo, presente na história: as folhas de *khat*, a sacada da casa árabe, os produtos vendidos na feira e, é claro, o terror de Buti, a ogra.

O CAÇADOR MAIS FORTE QUE O LEÃO QUE ENGOLE A TEMPESTADE

Tutsi, Ruanda

Às vezes acontece que a terra tenha tetas, que nem uma vaca. Essas tetas são os morros. Também acontece que morram os cachorros e os ratos, mas quando isso ocorre sobram a vaca e o tambor, a choupana em seu cercado.

Às vezes acontece que a terra tenha tetas, que nem uma vaca. Essas tetas são os morros. Também acontece que morram os cachorros e os ratos, mas quando isso ocorre sobram a vaca e o tambor, a choupana em seu cercado.

Era lá, em cima do redondo do morro, que morava Kabwa, um caçador. Ele tinha tantas pernas quando corria que era mais rápido que a chuva e o vento. Nenhum animal conhecido corria mais depressa que ele, nem um leão que tivesse engolido a tempestade.

Kabwa era um caçador que caçava toda espécie de animal selvagem: elefantes, hienas, búfalos, antílopes e outros mais. Uma noite, quando conversava sentado à sombra da sua choupana, um velho, que tinha um só dente habitando sua boca, lhe perguntou:

- Kabwa, você que corre, segundo dizem, mais depressa que um leopardo, seria capaz de ganhar uma corrida contar os monstros de bocarra escancarada, aqueles que têm asas?

- Sou Kabwa e nenhuma palavra do vento alcança meus ouvidos se eu não quiser; nenhuma gota da chuva molha meu nariz ou minhas costas se eu não quiser. Nenhum dos monstros de três bocarras e duas asas seria capaz de me vencer. Sou bom caçador e bom corredor. Se eu quiser, sou capaz de vencer um desses bichos malvados e correr mais rápido que seus irmãos e irmãs, mesmo se tiverem fogo no corpo.

- Kabwa – prosseguiu o velho – se você me der a asa de um desses monstros de três bocarras escancaradas, darei a você, diante de todos os habitantes da aldeia, um belo presente.

- Então você vai me dar um belo presente!

No dia seguinte de manhã, Kabwa chamou seus cães e partiu na direção de onde sabia que encontraria os monstros, para o leste, lá onde todo fim de tarde a noite começa a comer o dia. Partiu sem pedir para os adivinhos consultarem os pintos, as abelhas ou os gafanhotos em cima dos túmulos reais.

Prudente, ia se escondendo, tomando o cuidado de não deixar os cachorros latirem. Chegou ao esconderijo dos

monstros, pouco antes de o Sol fechar os olhos dos morros. Observou. Escutou. Viu que não havia nenhum monstro. Rápido como um corisco, pulou a cerca e deu com a velhinha dos monstros: a mãe deles.

- Quem é você, que ousa vir aqui onde ninguém nunca veio? - ela perguntou.

- Sou um caçador perdido. Estou aqui para passar a noite, porque não sei em que outro lugar eu poderia dormir.

Ele estava sozinho. Tinha escondido seus cachorros na floresta. A velhinha dos monstros disse:

- Pode passar a noite na minha casa. Você não merece o risco de morrer dormindo ao pé de uma árvore, se teve coragem para vir até aqui, no meu cercado, que costuma inspirar tanto medo aos seres vivos.

Kabwa se deitou numa pele de cabra, num cantinho, para ficar sossegado e ninguém prestar atenção nele.

Tarde da noite, os monstros voltaram para casa. Era nove ou dez. Comeram e depois dormiram.

Kabwa, que só estava fingindo dormir, esperou um pouco. Quando teve certeza de que todos os monstros dormiam a sono solto, cortou uma das asas daquele que estava mais perto da porta e escapuliu rapidinho. O monstro mutilado pôs-se a berrar tão alto, que o chão tremeu de medo. No mesmo instante, seus irmãos e irmãs lançaram-se em perseguição a Kabwa. Na noite, as bocarras escancaradas babavam, as asas dos monstros batiam no ar e suas patas tamborilavam o couro da Terra. O corpo de fogo deles dava a impressão de que era o próprio raio que perseguia Kabwa.

Kabwa tinha uma boa dianteira e corria rápido o bastante para não ser alcançado. Encontrou os cachorros, que saíram correndo com ele, prontos para defendê-lo. Atrás deles, as bocarras escancaradas e os corpos de fogo dos monstros se aproximavam. Por sorte, Kabwa e seus cachorros chegaram a um rio, que atravessaram sem medo de se molhar. Os monstros pararam. O rio era inimigo deles. Podia apagar o fogo do corpo dos monstros, levando-os à morte. Eles berraram de uma margem para a outra, para que Kabwa os ouvisse bem:

- Não acabou, Kabwa! Você vai ver na estrada um cajado. Você vai pegá-lo e logo em seguida ele vai se transformar em monstro de duas asas e te devorar.

- Esse cajado não vai me devorar, porque vou cortá-lo, quebrá-lo e queimá-lo.

- Não acabou, Kabwa! Você vai encontrar uma vaca perdida. Você vai ficar com ela, pelo leite bom que ela dá[1] . Ela se transformará em monstro de coração de fogo e te engolirá!

- Eu vou adivinhar a verdadeira natureza dessa vaca e vou liquidá-la, ela e seu leite bom.

- Não acabou, Kabwa! Você vai encontrar daqui a pouco uma bonita moça que você vai levar para casa. Ela se transformará em monstro de três bocarras e te comerá!

---

1 - Dentro da cultura Tutsi, o gado é um dos bens mais valorizados, através do qual se alcança posição de prestígio e nobreza.

Sem dar mais atenção aos monstros, Kabwa seguiu viagem, correndo tão depressa que chegou ao seu cercado antes dos cachorros. De manhã, entregou a asa cortada ao velho que tinha um só dente. Recebeu em troca cerveja, cerveja e cerveja, mais a promessa de ganhar mais cerveja, cerveja e cerveja!

Kabwa não precisava fazer nenhum esforço além de respirar e matava a fome comendo um pouco de caça com feijão ou com batata-doce, ou com inhame, ou com abóbora. Certa manhã encontrou à beira de uma floresta uma bengala de chefe. Pegou-a e continuou seu caminho. O mais velho dos seus cachorros, que estava ao seu lado, preveniu:

- Kabwa, não foi uma bengala de chefe que você pegou, foi um cajado.

- Não, senhor, é uma bengala de chefe. Você está mesmo velho, se não consegue ver o que é isto.

- Kabwa, esta bengala de chefe é um cajado! E vai ver que é o cajado de que os monstros de bocarras escancaradas falaram.

Kabwa deu ouvidos ao seu velho cão, e largou a bengala do chefe. Dias depois, quando estava bem escondido de tocaia, esperando um elefante ou um leão passar, viu surgir uma bela vaca, cujas tetas grossas regurgitavam de leite, mais do que o lago *Kiwu* regurgita de água depois de uma tempestade na estação das águas.

- Para que esperar um elefante ou um leão? – comentou com seu cachorro mais velho. Esta vaca perdida já serve por hoje.

- Mas e se essa vaca for o monstro de coração de fogo? – Comentou o cachorro.

- Não acredito. Tenho dois bons olhos para ver que é uma ótima vaca.

Levou a vaca para o cercado. Quando chegou, sua mãe perguntou:

- Kabwa, meu filho, onde você arranjou essa vaca?

- Encontrei-a onde eu tocaiava um leão ou um elefante.

- Kabwa, meu filho, solte essa vaca. Não quero que uma mancha impura macule meu rebanho. Ela pode ser uma dessas feras de bocarra escancarada que tapeiam todo mundo com sua beleza.

Kabwa ouviu sua mãe. Chamou os cachorros, que escorraçaram para bem longe a vaca, com sua cabeça, seu rabo e suas tetas cheias de leite.

O tempo passou para as cobras cuspidoras com seus olhos vermelhos, para os crocodilos e para os *pica-bois*[2]. Passou também para Kabwa, que continuava sendo um caçador de animais selvagens.

Um dia ele matou um antílope. Todo feliz, voltou para casa com aquela boa carne. Todos os seus cachorros abanavam o rabo na frente e atrás dele. Ao pé de um morro, encontrou uma linda moça. Contemplou-a encantado. Ela era linda, dos dedos do pé à ponta dos cabelos. Sem pensar duas

---

2 – Passarinho cinzento que se alimenta dos carrapatos dos bois.

vezes, apaixonou-se por ela. Cumprimentou-a e perguntou:

- Aonde você vai, linda moça que não conheço?

- Como todas as moças, procuro um marido, é claro! Procuro leite, para depois eu mesma dar leite – ela respondeu.

Naquela mesma noite, a linda moça tornou-se sua esposa, na casa dele, dentro do seu cercado no morro e passou a dividir com ele sua carne.

- Kabwa meu filho, onde você arranjou essa esposa? - perguntou sua mãe.

- Encontrei-a voltando da caçada. Ela procurava leite, e eu vou dar leite a ela...

- Kabwa, meu filho, essa esposa é certamente a mulher que os bichos de bocarra escancarada juraram te mandar.

- Ela?

- Ela mesma!

- Se essa moça é um monstro de bocarra escancarada, então eu sou um leão que engoliu a tempestade! Não, minha mulher não é um monstro. É uma moça de qualidade. Ela sabe bater o leite, traçar cestas e lavar roupa. É minha mulher e vou ficar com ela na minha cabana.

- Kabwa, meu filho, quem não liga para as nuvens um dia acaba encharcado pela chuva.

Kabwa ficou com a mulher, mas ficou também com as palavras

3 - Em Ruanda, mês lunar entre janeiro e fevereiro. É a pequena estação das secas.

4 - Em Ruanda, mês lunar entre março e abril. Corresponde ao meio da grande estação das chuvas.

da mãe na cabeça, de modo que seus cachorros estavam sempre junto dele, de dia e de noite. Quando ele entrava na cama os cachorros ficavam ali, vigiando até raiar o dia a respiração do dono e da mulher do dono.

O tempo passou. A lua de *Mutarama*[3] sucede à lua de *Werurwe*[4] e a lua de *Kaboza*[5] chega por sua vez. Era o fim da pequena estação das águas. Uma manhã, a mulher de Kabwa, que, como as outras mulheres, usava a coroa de sorgo[6], anunciou a ele que tinha uma criança se mexendo na sua barriga. Kabwa ficou feliz da vida. Ela disse:

- Kabwa, para que nosso filho cresça bem, quando ele vier respirar o ar dos morros, eu tenho de esfregar a pele do meu ventre com a folha mais nova da floresta.

- Que folha?

- A que acaba de nascer no alto do galho mais alto da árvore mais alta. Quero essa folha. Você irá procurá-la comigo?

- Sim, irei procurá-la com você.

Eles já iam partir para a floresta quando a mãe de Kabwa chegou.

- Kabwa, meu filho, não gosto nada de que sua mulher leve você para a floresta. Pode ser que ela não seja uma mulher de verdade e que lá ela volte a ser um monstro de duas asas, um monstro de bocarra escancarada, com fogo no corpo.

- Mãe, ela é minha mulher e na sua barriga fizemos brotar

5 – Em Ruanda, mês lunar entre dezembro e janeiro. É o fim da pequena estação das chuvas.

6 – Planta parecida com o milho, cultivada nas savanas. Há o sorgo branco, o sorgo vermelho e o sorgo selvagem.

a vida, assim como na terra brota a semente do sorgo. É minha mulher, não é um monstro. Vou com ela à floresta, deixo meus cachorros com você.

Dito isso, Kabwa partiu com a mulher. Não demoraram a chegar numa floresta maior que a maior floresta, com árvores mais gigantescas que as árvores mais gigantescas que as árvores mais gigantescas. Kabwa trepou de galho em galho até o topo da árvore mais alta. Chegando no alto do alto, quando já estava com a cabeça no meio do céu, debruçou-se para perguntar à sua mulher qual folha e de que galho ela queria. E ele, que não quisera acreditar em sua mãe, foi obrigado a acreditar em seus olhos: sua mulher estava se transformando em monstro! Ela já tinha três enormes bocas em seu corpo de fogo. Vários monstros chegavam de todas as partes. Eles tinham esperado escondidos atrás das árvores. Kabwa gritou para sua mulher-monstro:

- Mesmo assim vou apanhar a mais tenra das folhas e oferecê-la ao ventre do Céu.

Arrancou uma folha bem tenra e atirou-a ao vento. Os monstros, ao pé da árvore, começaram a cortar o tronco a machadadas. A folhinha voou. Aterrissou longe da floresta, no cercado de Kabwa. Seus cachorros cheiraram a folha e puseram-se a uivar. A mãe de Kabwa soltou-os. Eles saíram no mesmo instante do cercado, correndo como loucos. Foram direto para o coração da floresta. Chegaram na hora certa ao pé da mais velha de todas as árvores, a que tinha o tronco mais grosso. Os monstros já a tinham quase derrubado e Kabwa tremia de medo, sabendo que ia ser devorado.

Vendo os cachorros chegarem, os monstros fugiram, e Kabwa pôde descer da árvore sem perigo. Foi direto para seu cercado. Seus cachorros o rodeavam e perguntaram a ele:

- Kabwa, o que você vai nos dar, em recompensa por termos salvado sua vida?

- Não tenho que dar nada a vocês. Eu os alimentei desde pequeninos para que vocês crescessem saudáveis e fortes. Vocês me salvaram, é verdade, mas eu não devo nada a vocês por isso.

- Você está enganando, você nos respondeu mal, Kabwa – replicaram os cachorros.

- Não estou enganado coisíssima nenhuma e não tenho mais nada a dizer a vocês.

Ouvindo essa resposta, os cachorros pularam na garganta dele e o devoraram. Sim, eles comeram todo o seu corpo. O mais velho dos cães, que vinha atrás, comeu o coração. Antes de anoitecer, os cachorros voltaram ao cercado e a mãe de Kabwa lhes deu de comer. Perguntou a eles:

- Encontraram meu filho?

- Não. Quando chegamos ao meio da floresta, os monstros de bocarra escancarada já o tinham devorado.

- Se meu filho morreu, não há mais caçador aqui e não preciso mais de vocês. Não vou mais lhes dar de comer – declarou a mãe de Kabwa.

Os cachorros emagreciam a cada dia que passava. Perderam sua pouca gordura e a pele que os envolvia ficou mais fina que uma folha de bananeira.

- Kabwa tem de voltar – eles concluíram – senão daqui a uns dias estaremos todos mortos.

Os cachorros foram para a floresta. Chegando lá, o que tinha comido a perna de Kabwa vomitou- a. O que tinha comido suas orelhas vomitou-as. Os cachorros que tinham comido suas mãos,

vomitaram-nas. Os cachorros vomitaram Kabwa inteirinho, mas faltava o coração.

O cachorro mais velho chegou por ultimo. Vomitou o coração e declarou:

- Vomito por causa de vocês o coração de Kabwa, para que ele volte. Como vomito por causa de vocês, nunca deixem de respeitar minha idade avançada. Sem mim, Kabwa não voltaria à vida. Tratem-me tão bem quanto Kabwa os tratará bem.

Kabwa levantou-se no meio dos cachorros.

- Você é mesmo Kabwa?

- Sou eu.

- Corre como antes?

- Talvez mais depressa até do que antes. Sou Kabwa e sou mais forte e mais rápido do que o leopardo, e até do que um leão que engoliu a tempestade.

- Então nos somos seus cachorros, como antes.

Foram logo fazer uma grande caçada. Comeram e beberam. Kabwa prometeu a eles:

- Um dia vamos caçar os monstros de bocarra escancarada e quem sabe vamos até comê-los...

Que não seja o meu fim, mas apenas o fim dos monstros de bocarra escancarada e do meu conto.

Fim.

PINGUILLY, Yves. Contos e Lendas da África; tradução de Eduardo Brandão. – São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

Os Tutsi

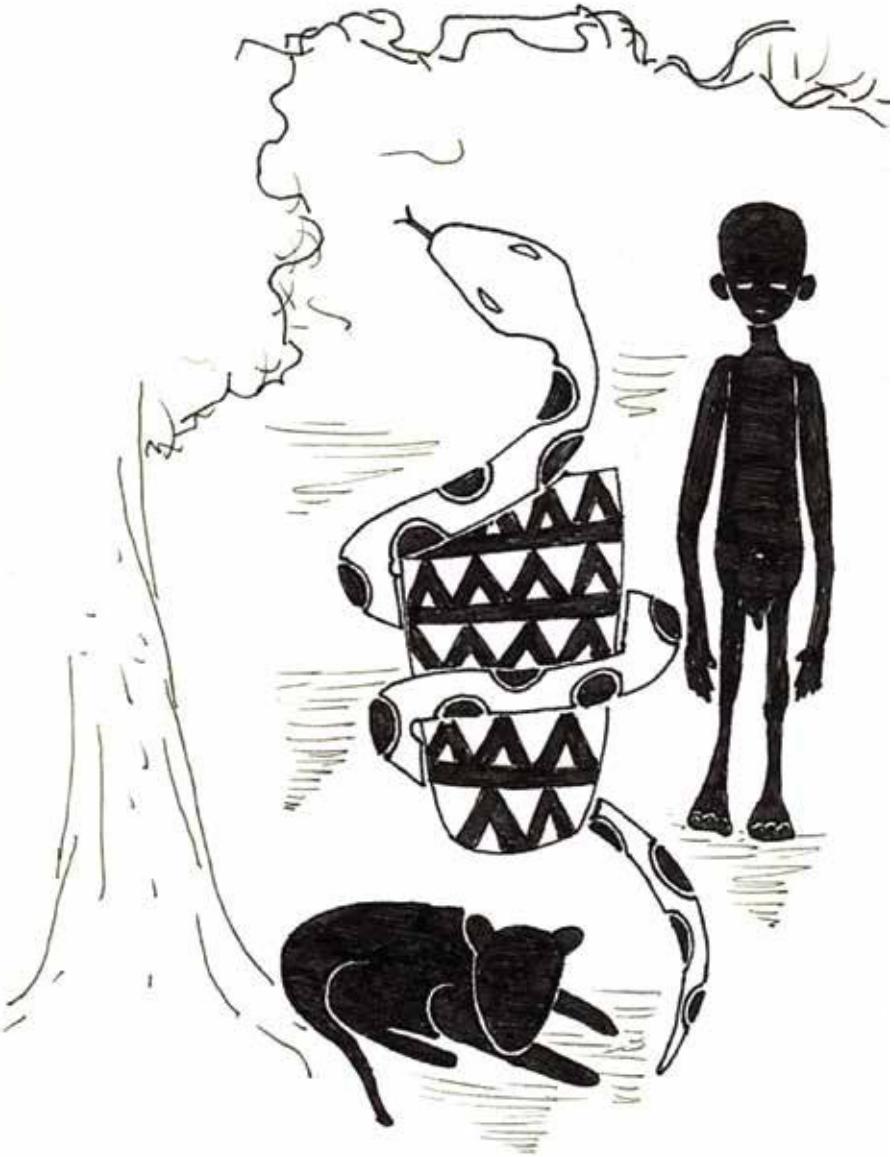
Os Tutsi são um povo que vive em Ruanda, Burundi e na parte nordeste da República Democrática do Congo. Eles têm muito em comum com outros grupos desta região, como os Twa e os Hutu. Suas culturas são similares e eles falam a mesma língua. Entre esses dois grupos, o Tutsi, embora represente a minoria da população, mantém uma posição histórica de governança sobre o grupo Hutu. Isto, no passado, se fazia mediante um inteligente comércio de gado, com o qual mantinham o domínio e a paz. Como possuem diferenças fenotípicas em relação aos demais grupos que habitam a região, sempre se acreditou que os Tutsi haviam migrado de outro lugar. Uma das diferenças principais é a altura: os Tutsi são apontados como a etnia mais alta do mundo, com alturas médias de 1,95 para os homens e 1,77 para as mulheres. Segundo sua própria teoria, eles descendiam dos Atlantes, versão essa que foi, no início do contato, creditada pelos exploradores europeus, surpresos pela sua capacidade de manter o governo sobre outro grupo majoritário, os Hutu.

Com os anos de dominação europeia, porém, esse equilíbrio sofreria uma fissura irrecuperável. Os alemães detiveram o poder desde a década de 1890 até a I Guerra Mundial, quando então os belgas assumiram o governo até o ano de 1962. A desigualdade do tratamento dos grupos fomentou a insatisfação e, quando o período colonial terminou, dois lados opostos controlaram Ruanda e Burundi. Os Hutu detiveram o poder em Ruanda até 1994, quando rebeldes Tutsi tomaram o governo. No entanto, a vitória Tutsi ocorreu com um grande custo em vidas humanas. Mais de um milhão de pessoas foram assassinadas.

Mas, para além desse registro de violência, os Tutsi possuem um rico arcabouço cultural que merece ser desvelado. O folclore inclui poesias, provérbios, histórias, enigmas e mitos. Seus cantos épicos, juntamente com sua poesia, são elementos que narram a supremacia Tutsi sobre os demais grupos da região, somando-se os conhecimentos geracionais à mitologia e a história regional. A dança guerreira (Intore) feita pelos homens é famosa há centenas de anos, pela sua força e expressão.

POR QUE A COBRA MUDA DE PELE

Serra Leoa, África Ocidental



No princípio a morte não existia. A morte vivia com Deus, e Deus não queria que a morte entrasse no mundo. Mas a morte tanto pediu que Deus acabou concordando em deixá-la partir. Ao mesmo tempo fez Deus uma promessa ao homem: apesar de a morte ter recebido permissão para entrar no mundo, o Homem não morreria. Além disso, Deus prometeu enviar ao homem peles novas, que ele e sua família poderiam vestir quando seus corpos envelhecessem.

Pôs Deus as peles novas num cesto e pediu ao cachorro para levá-las ao homem e sua família. No caminho, o cachorro começou a sentir fome. Felizmente, encontrou outros animais que estavam dando uma festa. Muito satisfeito com sua boa sorte, pode assim matar a fome. Depois de haver comido fartamente, dirigiu-se a uma sombra e

deitou-se para descansar. Então a esperta cobra aproximou-se dele e perguntou o que é que havia no cesto. O cachorro lhe disse o que havia no cesto e por que o estava levando para o homem. Minutos depois o cachorro caiu no sono. Então a cobra, que ficara por perto a espreitá-lo, apanhou o cesto de peles novas e fugiu silenciosamente para o bosque.

Ao despertar, vendo que a cobra lhe roubara o cesto de peles, o cachorro correu até o homem e contou-lhe o que acontecera. O homem dirigiu-se a Deus e contou-lhe o ocorrido, exigindo que ele obrigasse a cobra a devolver-lhe as peles. Deus, porém, respondeu que não tomaria as peles da cobra, e por isso o homem passou a ter um ódio mortal à cobra, e sempre que a vê procura matá-la. A cobra, por seu turno, sempre evitou o homem e sempre viveu sozinha. E, como ainda possui o cesto de peles fornecido por Deus, pode trocar a pele velha por outra nova.

Fim.

Fonte: CAREY, Margaret. Contos e Lendas da África; tradução de Antônio de Pádua Danesi. Série Prisma. – São Paulo: Melhoramentos, 1981.

Serra Leoa

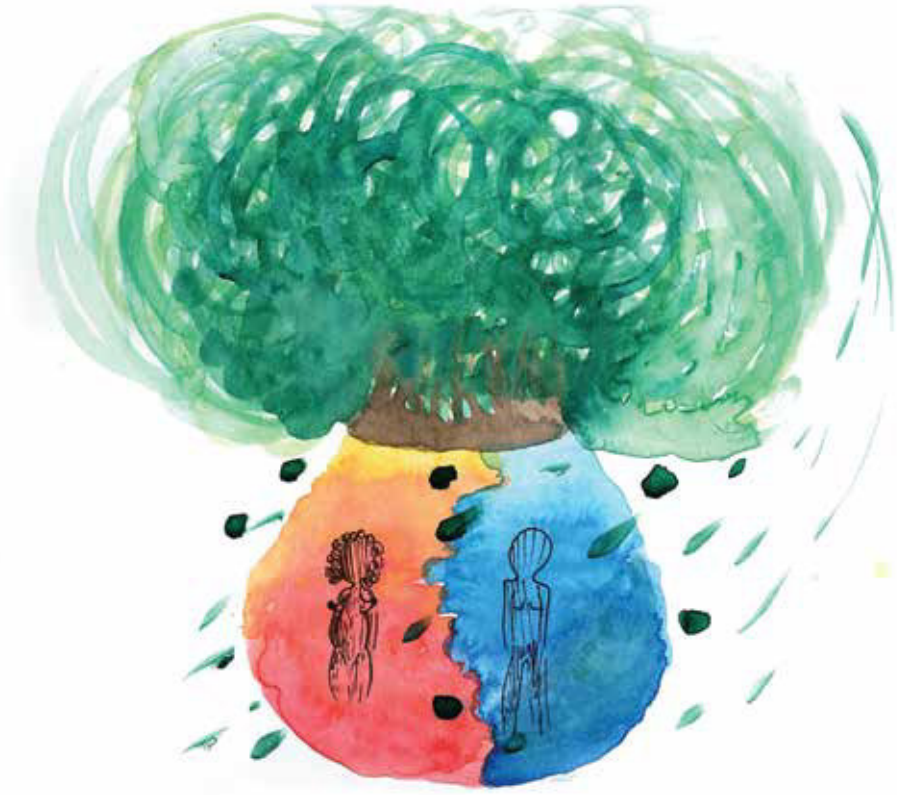
A República da Serra Leoa está localizada na África Ocidental e foi uma das primeiras regiões do continente a ter contato com os europeus, no ano de 1462, quando o explorador português Pedro de Sintra ali aportou, batizando a localidade em função da cadeia de montanhas que lembrava uma leoa deitada. Mais tarde a localidade se tornaria um importante centro utilizado para o tráfico de escravos, isto até 1792, quando a capital Freetown foi fundada pela Companhia de Serra Leoa como uma colônia de ex-escravos do Império Britânico. O moderno Estado de Serra Leoa foi, no passado, criado como uma pátria alternativa para as centenas de escravos libertos das colônias inglesas.

A principal fonte econômica do país é a mineração, em especial a de diamantes. Serra Leoa é também um dos maiores produtores mundiais de titânio e bauxita, e possui uma das maiores reservas do mundo de rutilo. Apesar de toda esta riqueza, 20% de seus habitantes vivem em situação de extrema pobreza. Com o terceiro pior IDH do mundo (0,365), Serra Leoa possui altos índices de mortalidade materna e infantil, e é assolado por diversas pandemias, tais como cólera, febre amarela, meningite e HIV.

Por outro lado, Serra Leoa possui uma notável diversidade de crenças que convivem em harmonia. Por isso, é considerado um dos países mais tolerantes do mundo do ponto de vista religioso. A população está dividida em 16 grupos étnicos, cada um com um dialeto e costumes próprios. O inglês é a língua oficial, mas o Krio, uma junção do inglês com as várias línguas tribais africanas ali presentes, e falado por mais de 90% da população, é o principal meio de entendimento entre os diferentes grupos étnicos do país.

UMA É ASSIM, A OUTRA É ASSADO

Sara, Chade



Certa manhã um rapaz, que já tinha crescido pelo menos vinte estações das águas, parou à sombra de um bisselão[1] para comprar de uma vendedora uma cabaça de suco de tamarindo com pimenta. A vendedora já tinha crescido pelo menos vinte estações da seca. Assim que a viu, o rapaz decidiu que a linda moça seria sua mulher.

Mal havia tomado essa decisão, o bisselão (que sem duvida tinha ouvido os pensamentos do rapaz e os da moça) baixou a cabeça, e seus galhos mais altos, como se fossem braços amáveis, abraçaram os dois jovens, que se encontraram lá em cima, ao lado do céu azul, e ficaram bem apertados um contra o outro.

Sem mais esperar, eles se casaram. Ele construiu uma casa meio afastada, quase no coração da selva. Era um grande lavrador, manejava a *daba*[2] como ninguém. Cultivava gergelim, feijão, milhete vermelho, milhete

branco, inhame, quiabo e, é claro, *pili-pili*[3]. A casa deles, durante várias horas do dia, era afagada pela sombra suave da farroba[4].

Estavam juntos mal havia um ano quando tiveram uma filha: Yassedi. Três semanas depois do nascimento, comeram bolinho de lágrima[5] e bolinho de milhete, com um gostoso molho salgado.

Mais um ano juntos e Yassedi teve uma irmãzinha: Suniguê. Três semanas depois do nascimento de Suniguê, o pai e a mãe comeram, nem é preciso dizer, bolinho de lágrimas e bolinho de milhete, com um gostoso molho salgado.

Alguns anos se passaram e as meninas já estavam um pouco crescidas. Um dia, quando o pai trabalhava na sua lavoura, a mãe pegou Suniguê e foi para um canto da selva queimar uns galhos secos para fazer um pouco de cinzas e filtrar o sal. Yassedi ficou sozinha, perto da casa deles, protegida pelos *seccos*[6] que cercavam o quintal. Su, a aranha macho, chegou com seu amigo sapo e perguntou:

- Yassedi, cadê os outros, se você está sozinha?

- Meu pai está por aí, curvado sobre a terra, com sua *daba*.

1. Árvore de até 35m de altura, nativa da África Ocidental, de madeira nobre, semelhante ao mogno.

2. Espécie de enxada.

3. Pimenta malagueta.

4. Grande árvore (alcança vinte metros) cujo fruto é usado para preparar vários molhos.

5. Na terra dos Saras, no Chade, é um bolinho de milhete (cereal parecido com o milho) comido com um molho, três semanas após um nascimento. Simboliza as dores da mãe durante o parto.

6. Painéis, como esteiras, feitas de fibra vegetal trançada. Usa-se para fazer cercas.

Minha mãe foi fazer sal.

Su, a aranha macho, foi embora, seguida pelo sapo. Dogdogum, a lebre, apareceu. Também perguntou:

- Yassedi, cadê os outros, se você está sozinha?

- Minha mãe foi fazer sal. Meu pai está por aí, curvado sobre a terra, com sua daba.

Dogdogum, a lebre, foi embora.

Chegou um homem que tinha escamas de crocodilo na pele. Seus olhos eram vermelhos e sua boca parecia uma ferida sangrenta. Talvez fosse um desses feiticeiros que andam por aí de noite com uma tocha acesa em cada mão; um desses feiticeiros que torcem o próprio pescoço para que o pescoço de alguém se torça também, ou que cospe os próprios dentes para que os dentes de alguém caiam. O homem apoiou-se nos seccos.

Yassedi, sem pensar duas vezes, correu até a talha e lhe serviu imediatamente a água de boas-vindas. Ele matou a sede e depois disse.

- Yassedi, você é mesmo uma menina muito boa e muito amável. Arranje, se puder, uma cabaça velha pra mim.

Yassedi escolheu uma bonita cabaça limpinha, entalhada com lindos desenhos, e a entregou ao homem. O homem derramou nela alguns grãos de milhete, que misturou com um

óleo. Socou um pouco de milhete, preparou com ele um volumoso bolinho, que cozinhou muito bem. O homem botou a comida num cesto de vime e guardou-a para o jantar ou para o dia seguinte.

- Yassedi, você é boa, boa, boa. Agora que as mãos do Sol estão quase tocando os ombros da terra, tenho de ir embora. Quer me acompanhar um pouquinho?

Yassedi, sem responder, foi atrás dele. O homem logo se pôs a cantar:

Sou feiticeiro de noite, sou feiticeiro de dia
De noite eu falo com a noite
De dia eu falo com o dia

Passado algum tempo, chegaram à beira de um alagado[7]. A água era densa e verde na beira e no meio era branca e gordurosa.

- Yassedi, em qual destas águas você gostaria de se banhar?

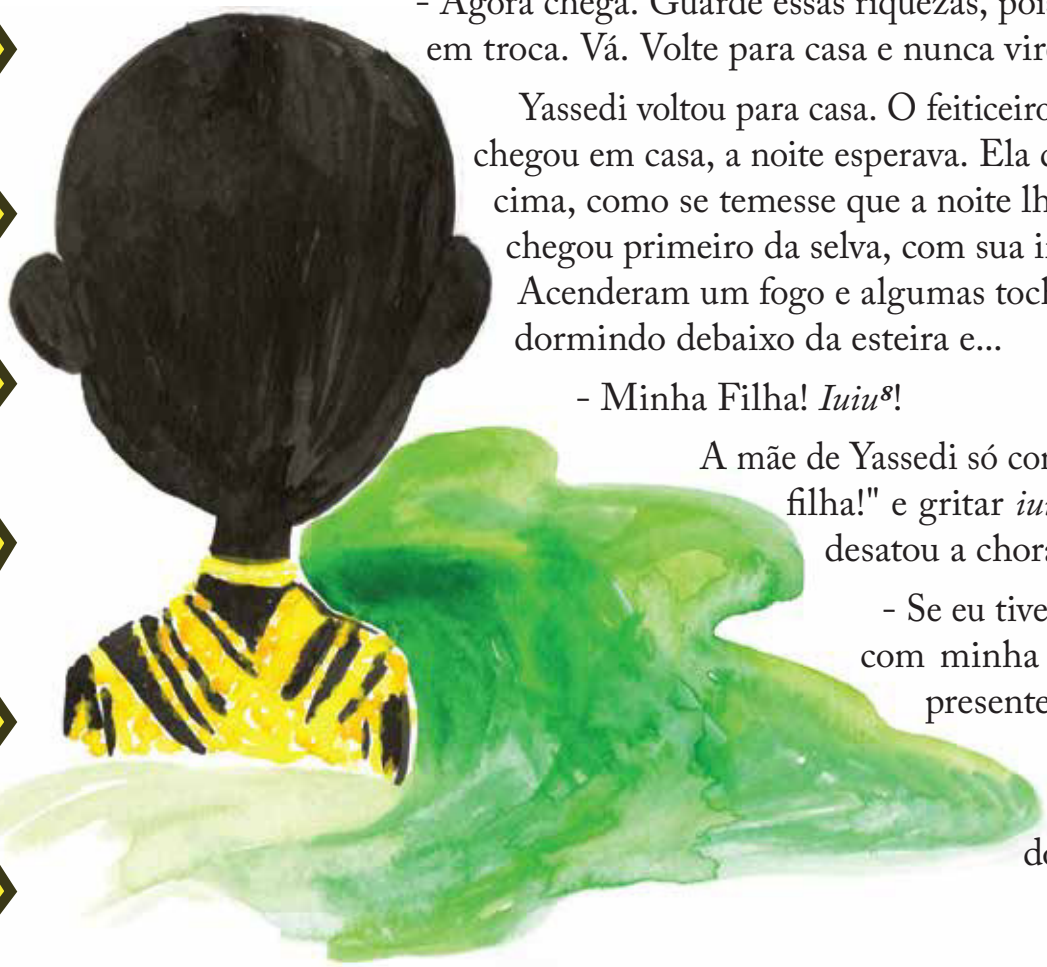
- Não posso escolher uma ou outra dessas águas, porque não sei nada do segredo dos iniciados.

- É verdade. Tem razão. Escute, Yassedi, garanto que você pode se banhar sem medo na água verde.

Yassedi, que estava com calor desde cedo, mergulhou na água verde. Quando saiu...

Como dizer? Quem vai acreditar?! Ela cintilava! Seus punhos e tornozelos estavam enfeitados com pulseiras de ouro! Sua cintura estava rodeada por várias voltas de contas vermelhas. Contas brancas brilhavam no seu pescoço e os brincos pendurados nas suas orelhas só esperavam as estrelas saírem no céu para rivalizar com elas em esplendor.

O feiticeiro se aproximou de Yassedi e murmurou:



- Agora chega. Guarde essas riquezas, pois você sabe ser boa sem nada pedir em troca. Vá. Volte para casa e nunca vire feiticeira!

Yassedi voltou para casa. O feiticeiro seguiu em frente. Quando Yassedi chegou em casa, a noite esperava. Ela deitou debaixo da esteira, e não em cima, como se temesse que a noite lhe roubasse seus tesouros. Sua mãe chegou primeiro da selva, com sua irmã. As duas procuraram Yassedi. Acenderam um fogo e algumas tochas de palha. Descobriram Yassedi dormindo debaixo da esteira e...

- Minha Filha! *Iuiu*[8]!

A mãe de Yassedi só conseguia repetir "minha filha, minha filha!" e gritar *iuius* de alegria. Sua irmã, Suniguê, desatou a chorar.

- Se eu tivesse ficado, se não tivesse ido à selva com minha mãe, também teria ganhado mil presentes.

No dia seguinte e nos outros dias, Yassedi não quis contar nada do acontecido ao pai, à mãe ou à irmã.

A partir desse dia, Suniguê se recusou a ir à selva, até mesmo para fazer sal ou catar lenha. Ela se recusou a ir à lavoura com o pai, até mesmo para catar berinjela, *pili-pili* ou quiabo.

Yassedi, com suas joias, continuava a ajudar a mãe, tanto na cozinha como fazendo sal ou catando lenha. Ajudava também o pai, tanto para plantar o sorgo como para espantar os bandos de papa-grãos[9] que atacavam as colheitas.

Um dia em que Yassedi trabalhava com o pai e sua mãe fazia sozinha o sal num canto da selva, um homem chegou à concessão da casa. Tinha escamas de crocodilo na pele. Seus olhos eram vermelhos e sua boca parecia uma ferida sangrenta. Era o feiticeiro de dia e de noite que havia encontrado Yassedi. Quando viu Suniguê, cumprimentou-a:

- Lapya[10].

Suniguê, em vez de responder "bom-dia", caiu na gargalhada e deu as costas ao feiticeiro. Só se virou para dizer:

- Vovô, você tem umas escamas que... argh! Vovô, você tem uma boca que... urgh! Vovô, você tem uns olhos que... que olhos!

- Mocinha, não quer ir buscar uma cabaça velha e me dar de beber?

De novo ela deu as costas ao velho, resmungando:

- Esse filho de um cão é um bastardo de uma bastardia!

---

7. Pequeno lago temporário, deixado nas terras alagadas pela cheia do rio.

8. Grito de alegria (ou de raiva) dado pelas mulheres.

9. Nome genérico dado às variedades de pássaros que atacam as plantações.

10. "Bom dia" em sara.

Foi pegar uma cabaça velha toda rachada, pôs um pouco d'água dentro e entregou a ele:

- Tome, mate a sede, se puder.

Ele bebeu um gole d'água, só um golinho. Quase toda a água tinha escorrido no chão, como se a cabaça rachada fosse uma peneira.

- Mocinha, quer ir pegar uma panela e cozinhar um pouco de carne para este seu avô?

Suniguê escolheu uma panela velha, bem suja, que só era usada agora para dar água às galinhas-d'angola. Passou a panela para o velho das escamas. Ele cortou um pedaço da própria carne, colocou-a na panela e perguntou:

- Você poderia cozinhar a carne com um pouco de óleo e preparar para mim um bolinho de milhete bem macio?

Às gargalhadas, Suniguê pegou a panela. Cozinhou a carne com água e não com óleo. Pegou farelo

de milhete, em vez de boa farinha bem branca. Molhou o farelo e colocou-o na velha cabaça rachada. Feito isso, deu essa comida horrível ao velho, como se se tratasse do grande almoço de fim de ano, aquele que se come para comemorar a chegada do milhete branco! O velho comeu sem dizer nada.

- Mocinha, acabei de comer. Vou embora. Quer me acompanhar um pedaço do caminho, como é de costume?

Suniguê foi à frente do velho, mostrando mais uma vez sua falta de respeito. Chegaram ao alagado. Durante o caminho, o velho cantava:

Sou feiticeiro de noite, sou feiticeiro de dia

De noite eu falo com a noite

De dia eu falo com o dia

Suniguê, que tinha ido bem à frente, não ouviu a letra da canção.

- Mocinha, quer que eu te dê uma água bem pura para você se banhar?

Suniguê caiu de novo na gargalhada e respondeu, cheia de maldade:

- Então me dê uma água amarela, vermelha, azul...

No mesmo instante a água do alagado ficou amarela, vermelha, azul! Espantada, Suniguê escorregou e caiu na água. Quando saiu estava coberta de verrugas e de enormes espinhas vermelhas. Os braços e as pernas estavam cobertos de feridas purulentas e cada um dos seus dedos tinham se transformado em serpente.

O sol tinha posto suas mãos nos ombros da terra. Suniguê começou de repente a cantar, sem querer:

É noite, sou feiticeira de noite,

É noite, sou feiticeira de noite,

É noite...

E o feiticeiro seguiu em frente.

Suniguê voltou para a concessão dos pais. Lá chegando, sua mãe acabava de acender umas tochas para procurá-la. Quando a viu, levou um susto terrível! De noite, à luz das tochas, os olhos de Suniguê estavam mais vermelhos que o sangue. O resto da sua pessoa estava pior ainda!

Quem pode dizer que nada disso teria acontecido com ela se não tivesse sido tão mal-educada, se não tivesse bancado a orgulhosa, se tivesse respeitado e ajudado os pais e os mais velhos que os pais?

Quem pode dizer se aquele que está no cupinzeiro pode falar mal dos cupins? Se quem está vivo pode zombar dos laços de sangue e de leite, ou zombar de alguém, quem quer que seja?

Fim.

PINGUILLY, Yves. Contos e Lendas da África; tradução de Eduardo Brandão. – São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

Os Sara

O povo Sara vive principalmente ao sul do Chade, Centro-Norte da África. A região onde vivem, no Médio Chari, que, assim como a capital regional também recebem o nome de Sara, ou Sars, foi fundada sob o domínio francês, por um grupo de trabalhadores que abandonaram os campos de trabalhos forçados destinados à construção da Rodovia Congo-Oceânica.

Sara é uma designação dada pelos franceses e faz referência à origem deste povo, a Núbia, no Vale do Nilo. Tal topônimo seria uma corruptela de Sa Sa Ra, 'adoradores de Ra', o antigo deus Sol dos egípcios. São considerados descendentes dos lendários Sao, uma antiga população da África Central, a respeito da qual os achados arqueológicos apontam para uma vasta cultura imaterial.

Os Sara são agricultores por tradição. Cultivando principalmente milho, sorgo, mandioca e algodão. Sua vida rege-se por um modelo patrilinear e estão divididos em doze tribos ou clãs. São eles: *Ngambaye, Mbaye, Goulay, Madingaye, Kaba, Kyabé, Sara-Kaba, Niellim, Nar, Dai e Ngana*. As mulheres do grupo *Kyabé* são especialmente conhecidas por seu hábito de perfurar os lábios, usando como adorno dois grandes 'botoques'.

Os Saras são principalmente cristãos e animistas. Dentre eles há bem poucos muçulmanos. Praticam o culto aos ancestrais e o totemismo. Eles possuem um rito de iniciação chamado Yondo, que marca a passagem da adolescência para a vida adulta. Destaca-se, ainda, uma religião tradicional chamada Loa e Sou, que é, ao mesmo tempo, o pai e a mãe da criação.

OS ILUSTRADORES

Daniel Freire da Silva

O conto "O vento, a hiena e a tartaruga" foi ilustrado por Daniel Freire da Silva, 22 anos, estudante do curso de Artes Visuais da UFPR, e bolsista do MAE desde abril de 2012. Além de desenhar muito bem, Daniel também trabalha com uma série de outras técnicas artísticas, tais como escultura em madeira, cerâmica e porcelana fria e, ainda, animação digital. Sobre este trabalho, ele disse:

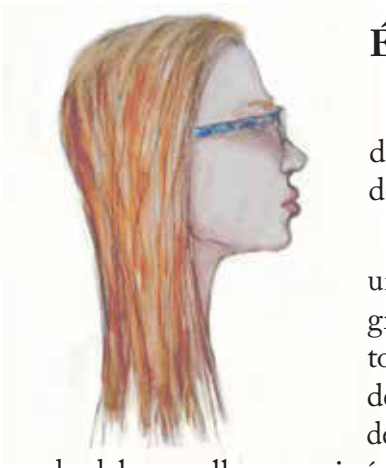
"Nestas três ilustrações trabalhei com técnicas diferentes: primeiro com a pintura em nanquim colorido, depois contorno e acabamento com caneta nanquim e, por último, recorte e colagem. Nesse processo tentei me aproximar da pintura dos senufos, mais especificamente dos tecidos, cuja técnica de produção utiliza pigmentos naturais. Não somente utilizando de meios e métodos para me acercar das cores, tentei ao mesmo tempo desenvolver um estilo de desenho que criasse uma ponte, uma conversação, entre meu estilo e a arte senufo. Para isso desenvolvi uma pesquisa tentando compreender como funcionava essa estética, como o artista desenvolvia suas pinturas, desde a cor até a vegetação. É um conto em que animais falam, apostam corrida com o vento, entre outras coisas fantásticas e, por isso, escolhi ilustrá-lo, e pensei que poderia produzir boas ilustrações a partir de um tipo de história que eu adoro!"

Ana Paula Moraes

As ilustrações para o conto "Buti de Dijibuti" foram feitas por Ana Paula Morais, ou, como ela prefere, Anny Morais, 21 anos, estudante do curso de Artes Visuais da UFPR. Este é o seu primeiro trabalho de ilustração para o MAE-UFPR, onde é bolsista do Setor de Ações Educativas. Além de fazer desenhos à mão e em meio digital, Anny também trabalha com modelagem em argila e biscuit e domina técnicas de produção e animação. Sobre este trabalho, ela nos disse:

"Para ilustrar o conto 'Buti de Dijibuti' foi feita uma pesquisa sobre o povo de Dijibuti, que revelou um pouco sobre seus costumes, porém, quase não foram encontradas imagens da artesania desse povo. A partir do resultado da pesquisa foi possível basear as roupas e acessórios da ilustração, mas a aparência dos personagens foi inspirada em fotos

das pessoas locais. Eu tentei ao máximo fugir das ideias ou imagens ocidentais presentes em nosso imaginário, exemplo disso é a ogra. No meu desenho, ela tem uma aparência bem humana, porém, é cheia de marcas no rosto e tem um olhar distante; as marcas foram inspiradas nas pinturas que as mulheres de Dijibuti fazem nas mãos. Quanto ao olhar, usei como base a única máscara dessa região que encontrei na pesquisa. As ilustrações foram feitas digitalmente e os trechos do conto escolhidos para serem ilustrados foram os que mais chamaram atenção em cada página, para deixar a leitura mais divertida e colorida".



Érica Storer de Araújo

O conto Tutsi "O caçador mais forte do que o leão que engole a tempestade" foi ilustrado por Érica Storer de Araújo, estudante do curso de Artes Visuais da UFPR, e bolsista do MAE desde 2012, onde já realizou inúmeros trabalhos de ilustração.

Sobre este projeto, ela disse: "Antes de qualquer construção ilustrativa foi necessário uma pesquisa antropológica sobre a etnia Tutsi, o que foi, em termos de experiência, muito gratificante. Foi imprescindível o entendimento não apenas sobre a cultura local, mas de todo o contexto histórico e social que as envolve, tendo como pontos principais a relação de indumentárias, grafismos e atividades de produção alimentar com a hierarquia social deles. Devido a relação que o conto faz à dinâmica do personagem junto aos cachorros, fazendo dele o melhor e mais ágil caçador, busquei em termos de técnica materiais e traços que conversassem com essa dinâmica. Por isso, como materiais usei a aquarela e o nanquim e, quanto à composição dos desenhos, escolhi trabalhar com movimentos de linhas mais livres e espontâneos."

Caroline Bogo

O conto da tradição Ashanti "A História das Histórias" foi ilustrado por Caroline Bogo, 20 anos, estudante do curso de Artes Visuais da UFPR. Este é o terceiro trabalho de ilustração que ela faz para o MAE-UFPR, tendo ilustrado o livro de contos "Assim Vivem os Homens – Volume I", integrante do Projeto O MAE Visita a Escola – Guia Temático para Professores; e feito alguns desenhos para o livro de RPG Jaguareté: O Encontro. Além de ilustrar, Caroline também trabalha com pintura e desenho.

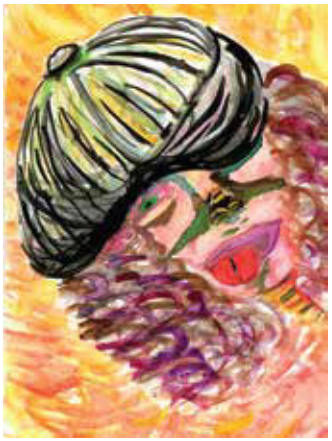
A respeito de seu trabalho, ela diz: "Como base para as ilustrações, procurei represen-

tar os cenários, personagens e elementos de maneira mais próxima à bidimensionalidade. Inspirei-me em pinturas medievais e na arte egípcia que, assim como a estória de Ananse, simbolizam o início da história do homem em relação às suas crenças. Cada ilustração foi feita com aquarela, guache e lápis de cor sobre papel colorido; alguns retoques foram feitos digitalmente. Foi necessário aprender sobre a cultura de Gana, e perceber que seus costumes e crenças são muito diferentes da ocidental. Ilustrar um livro sempre é um desafio, porém, como fiz o trabalho manualmente – o que gosto muito – acabou sendo muito prazeroso e divertido. Foi algo diferente do que estou acostumada a fazer, o que é ótimo para aprender novas perspectivas e ideias da ilustração".

Matheus Manhães

O conto "Porque a cobra muda de pele" foi ilustrado por Matheus Manhães, 18 anos, estudante do curso de Artes Visuais da UFPR e bolsista das Ações Educativas do MAE, onde trabalha também com oficinas e apresentação de Kits Didáticos em escolas. Sobre a sua ilustração, ele nos diz:

"Por que a cobra troca de pele? Uma boa pergunta. Fiquei intrigado em saber, ainda mais de uma maneira diferente de ser explicada: uma explicação de uma cultura diferente, de uma etnia diferente (não é sempre que se tem a oportunidade de aprender com a sabedoria africana!). Eu li o conto, e como um bom crente na força maior, a divindade superior, que eu chamo de Deus, achei simplesmente incrível. Mas não só por isso, o conto realmente é incrível, mesmo que suas crenças não sejam as mesmas que as minhas, é possível se entreter com tudo o que está escrito, com a nossa força maior; é claro que esta força é nossa imaginação, nossos pensamentos. Tive o desafio de ilustrar esse conto, para que você leitor se sinta no próprio conto, e não foi fácil: a criação é um ambiente tão louco, que é impossível de conseguir colocar tudo que está em sua mente diretamente para o papel, ainda mais quando se tem que fazer isso com apenas uma ilustração. Mas claro, no fim dá certo, e eis o resultado! Fiz o desenho utilizando canetas nanquins, um desenho simples, mas que retrata bem vários fatos que ocorrem na história. O que desejo, porém, é que vocês não se prendam apenas nas ilustrações; viagem no conto, mergulhem nele, porque nada mais incrível do que não só olhar, mas sim imaginar, estar presente naquilo que está acontecendo – porque sim: está acontecendo!"



Glória Maria

O conto "Uma é assim, a outra é assado" foi ilustrado por Glória Maria Dutra Wolf, 24 anos, estudante do 1º ano do curso de Artes Visuais da UFPR, bolsista do MAE desde 2012, tendo feito parte do grupo de ilustradores do Livro de RPG Jaguareté : O Encontro. Além das ilustrações em papel, Glória utiliza outros suportes para a sua arte: ela também trabalha com grafite. A respeito das suas ilustrações ela nos diz:

"Meu desenho é mais voltado para como eu me sinto diante desse conto. É a primeira vez que trabalho com uma história da cultura africana. O que mais me envolveu nesse trabalho foi a pesquisa de apoio de uma grande amiga, Andréia Prestes, já que graças a ela estou fazendo parte desse projeto. O incrível é que a pesquisa afirmava muito a integridade desse conto, pois alguns detalhes fazem parte da região onde se desenvolveu a história. No desenho deixei que a forma não fosse identificada diretamente e sim que despertasse um imaginário complementar, esperando que os leitores entrem nessa história com sua imaginação. Desejo que o leitor observe os desenhos e, a partir deles, também desenvolva e expresse como se sente. As ilustrações foram feitas com tinta aquarela e nanquim, por que África para mim flui como água com cor aquarelada que, em face de algumas tristezas/lágrimas, não marca o fim, pois como a água continua a fluir".

Patrícia Cíntya

Patrícia Cíntya tem 20 anos e é estudante de Licenciatura em Artes Visuais pela UFPR. Este é o seu primeiro trabalho de ilustração para o MAE-UFPR, onde é bolsista do Setor de Ações Educativas. Faz desenhos manuais realista e tem preferência em nanquim e grafite. Além desses, faz pinturas, esculturas e gravura.

"Foi divertido fazer a capa. Eram várias ideias muito boas e precisavam apenas de uma junção. Como ilustração coletiva e colaboração de vários amigos ilustradores para o livro, não pude deixar de fora uma referência a cada um dos contos, o que tornou a capa mais rica, e uma colaboração especial de Matheus Manhães e da Flávia Vloet para a arte da capa."

Editora UFPR

Este livro foi composto em Adobe Caslon Pro 8/9/12/13,8/14,4/18/ e African 14/17/20/23 impresso em papel couché fosco 115g/m² para miolo 4x4 cores, 60 páginas, e papel couché fosco 250 g/m² para capa, 4x0 cores, com tiragem de 2000 exemplares com dimensões 24,5x19 e acabamento com lombada quadrada e laminação fosca de capa (1x0), em impressão offset, pela Imprensa Universitária da UFPR para a Editora UFPR, em agosto de 2013.

Como vivem os homens?
É igual, em todo o mundo?
E terá sido sempre assim?

O livro e CD de narrativas Assim Vivem os Homens nos apresenta seis contos, cada um dos quais falando de um povo africano diferente: de como vivem e pensam os homens, mulheres e crianças que são seus protagonistas; de quais são os animais, monstros e deuses que povoam seus mundos; de como é o meio ambiente que habitam.
Com isso procuramos apresentar um pouco da grandeza e diversidade do continente africano.

UFPR 100 Anos 1912 - 2012

proec pró-reitoria de extensão e cultura

MAE Museu de Arqueologia e Etnologia UFPR

Ministério da Educação

GOVERNO FEDERAL BRASIL PAÍS RICO É PAÍS SEM POBREZA

9 788565 888592

Programa de extensão "Ações Educativas do MAE" realizado com o apoio do PROEXT - MEC/SESu.